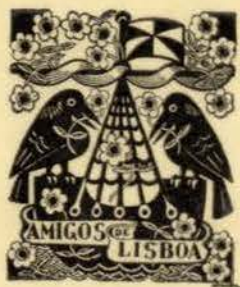


OLISIPO

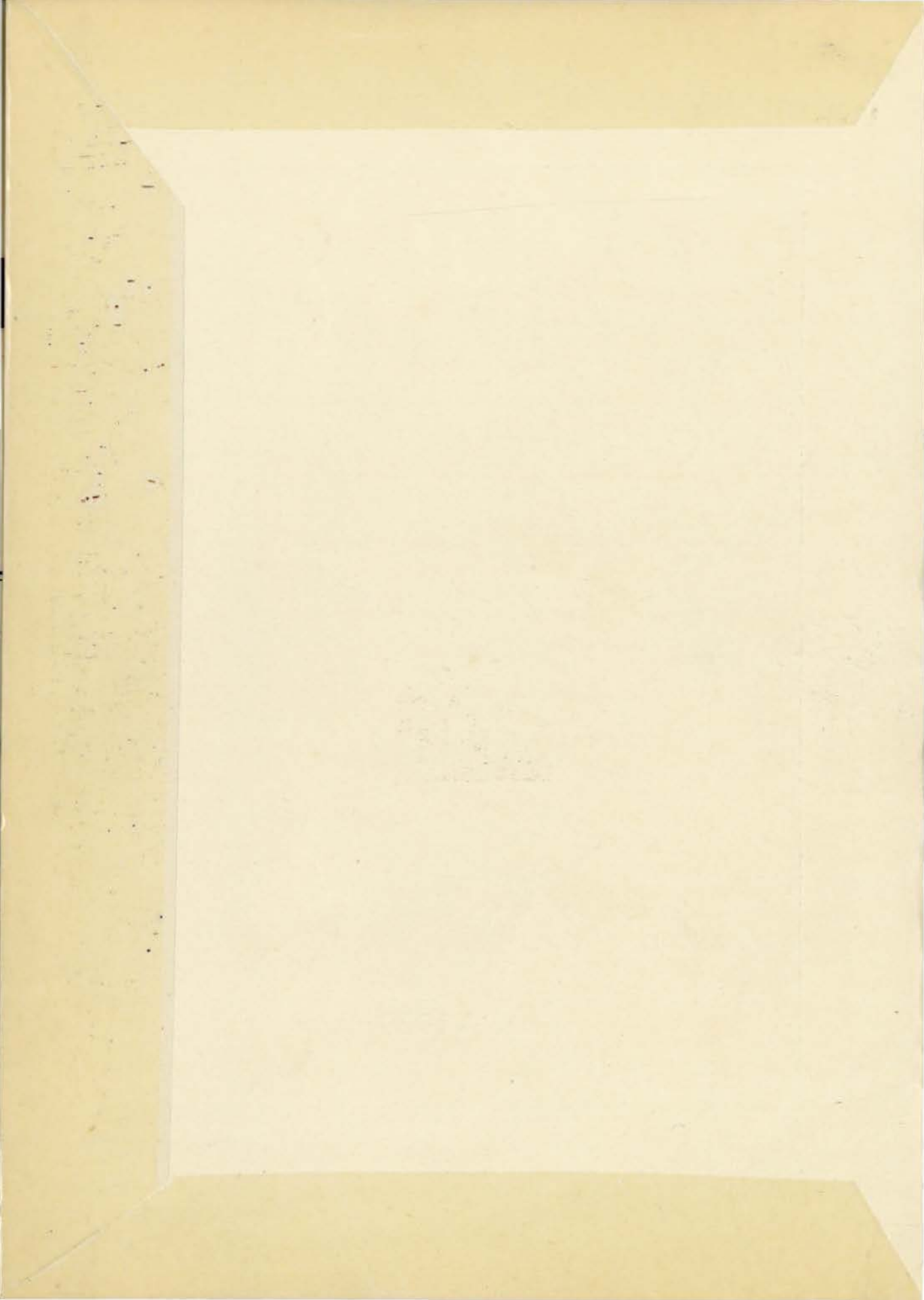
BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO II

N.º 6

ABRIL - 1939



Oferta

27. JUL. 1988

ABRIL DE 1939

N.º 6

OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES, DIRECTOR-TESOUREIRO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE PROVISÓRIA: LARGO DO CHIADO, 12, 2.º — TELEFONE 2 3972

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

SUMÁRIO

- A IGREJA E O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

·POR *Mário de Sampaio Ribeiro*

- A FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

PELO *Dr. Eduardo Neves*

- COMO O ARTISTA LISBOETA ALFREDO DE ANDRADE,
ENTÃO JOVEM, ENCARAVA ALGUNS PROBLEMAS DE
EDILÍCIA CIDADINA EM 1857

·POR *Ruy de Andrade*

- A IGREJA E O SÍTIO DE SANTO ESTÊVÃO DE ALFAMA

·POR *Sidónio Miguel*

- BIBLIOTECA — LIVROS OFERECIDOS

- LISTA DOS SÓCIOS APROVADOS DURANTE O PRIMEIRO
TRIMESTRE DE 1939

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores

ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS



A IGREJA E O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, DE LISBOA (*)

Palestra elucidativa feita aos sócios do Grupo «Amigos de Lisboa»,
a quando da sua visita no domingo de Pascoela (24 de Abril) de 1938

POR MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

(Continuação do número anterior)

TODAVIA as obras de ornato do interior do templo — retábulos, teias, etc. — só ficaram atamancadas ao cabo de vinte anos de iniciada a nova reconstrução e havendo-se dispendido 79.552\$405 réis. (2)

Em 1834 cessou a função quasi setecentenária da igreja de Nossa Senhora da Graça. Uma lei extinguiu as ordens religiosas, os graciosos eram escoraçados de sua casa, o convento ficava deserto e a sua preciosíssima livraria entregue ao Deus dará. É certo que os frades já não se distinguiam por seu saber, nem por sua mansidão, nem por seu zelo apostólico. Iam longe os tempos de frei Álvaro de Castelo Branco, de frei José de Santo António, de frei Luiz de Beja Perestrêlo, de frei Manuel Estaço, de frei Francisco Vieira, de frei Manuel Gouveia, de frei André Sobrinho, de frei João de Azevedo, de tantos e tantos mais. Todavia a sua bagagem intelectual ainda se media pela bitola do que foi o maior dos polemistas portugueses — o Padre José Agostinho de Macedo.

(*) Por conveniências de paginação as notas vão no fim.

Em 1835 o convento deveio quartel de infantaria e a igreja passou a albergar as frèguesias, já anexadas, de Santo André e de Santa Marinha do Outeiro, cujos templos foram demolidos mais tarde com duvidoso proveito da cidade.

A igreja que temos deante de nós, com suas paredes estucadas e pintadas de cor de rosa é obra do nosso século. ⁽³⁾ Concordo que o seu aspecto é pelintra, mas o século das luzes não podia dar mais. As pinturas do tecto são de João Vaz e de Eloi do Amaral e devem estar datadas de 1905, ano em que se concluíram as obras de restauro (?) e de revestimento interior do templo.

II

Feita a largos traços a história de tudo isto, vamos iniciar a visita pelo improvisado baptistério. ⁽⁴⁾

Estes dois compartimentos, que o estilo arte-nova embonitou com estuques rosados, são tudo o que resta da primitiva igreja dos augustinianos — a que foi apeada e substituída em 1556-1565.

Se um benemérito mandasse picar os rebocos, creio piamente que se poria a nú qualquer coisa, que lembraria menos as paredes de nossas habitações.

Noutros tempos foram duas capelas e uma delas, parece que o actual baptistério, tinha outrora a invocação de S. Fulgêncio.

O que hoje é pròpriamente a capela de baptismo, deve-se a Lopo Soares de Albergaria, que foi vice-rei da Índia, sucedendo a Afonso de Albuquerque, de quem era inimigo figadal.

Mandou-a construir para jazigo seu, de sua mulher D. Joana de Albuquerque e de seus herdeiros. Estava concluída em julho de 1530 e o arco de volta inteira, que lhe dá acesso, testemunha ser posterior ao ogivado da abóbada da capela, que antes foi sacristia da vetusta irmandade de Nossa Senhora da Graça. Por cima do arco está o escudo esquartelado das armas de Lopo Soares, tendo no primeiro quartel o brasão dos Albergarias, no segundo o dos Freires de Andrade, no terceiro o dos Alvarengas e no quarto o dos Melos. O senhorio desta capela, com a extinção da linha varonil, passou para os Almadás.

Desempenhando as funções de pia baptismal pode ver-se um lavabo de mármore polidos, que pertencia à sacristia do convento.

Os dois magníficos túmulos de pedra de Ançã, que estão na antecâmara e cujo risco tanto faz lembrar o de alguns do panteão dos Meneses, no mosteiro de S. Marcos, são dos pais de Lopo Soares de Albergaria. No da esquerda jaz Rui Gomes de Alvarenga, presidente e chanceler-mór do conselho dos Reis D. Duarte e D. Afonso V, falecido em Santarém em agosto de 1473; no da direita, sua «muy nobre e virtuosa» mulher, Dona Melfcia de Melo, filha de Estevão Soares de Melo (fundador desta outra capela), passada a melhor vida em outubro de 1479 e com ela sua filha, Dona Brites Soares, que foi casada com o conde de Cantanhede, D. Pedro de Meneses, mãe do célebre D. Aleixo de Meneses, «valoroso capitão, prudente embaixador, consumado político» e aio de D. Sebastião e, por conseguinte, avó de seu tocaio, o não menos célebre — embora por causas diversíssimas — D. frei Aleixo de Meneses, de quem falei há pouco.

Há sinais de violação nos túmulos.

Não foram causados pelas obras de reedificação, nem pelo terramoto, nem mesmo pelos franceses.

Não. Foram filhos da... (não sei como diga) da «curiosidade» de três ou quatro «prestantes» concidadãos nossos, que, entre 1913 e 1917, fizeram trinta por uma linha nas igrejas destes sítios.

A lápide que além está, alusiva ao jazigo de Lopo Soares, não é, evidentemente, da primitiva, e encontra-se, com certeza, deslocada do seu lugar primeiro.

Esta enorme arca tumular veio para aqui, removida do local onde foi a casa do Capítulo conventual, em outubro de 1900. Tem no tampo os armas dos Gomides ⁽⁵⁾, senhores de Vila Verde dos Francos e, na face exterior da cabeceira, uma inscrição em caracteres góticos, assegura que nela repousaram os restos mortais de Gonçalo Lourenço Gomides, que foi escrivão da puridade del-Rei D. João I e bis-avó paterno ⁽⁶⁾ de um dos portugueses de quinhentos «em quem poder não teve a morte» — o terrível Afonso de Albuquerque, que também esteve sepultado neste convento durante certo tempo, pois parece que sua ossada foi trasladada mais tarde para a capela da quinta da Bacalhoa, junto a Vila Fresca de Azeitão.

Embebida na parede que dá para a igreja e posta ao alto, está a avantajada tampa de um carneiro feito de novo para sepultura do 4.º conde de Vila Verde e 3.º marquês de Angeja, D. Pedro de Noronha, que foi sucessor de Pombal no cargo de primeiro ministro. Também veio da antiga casa capitular do convento. (7)

E feita a resenha do recheio destas dependências, é tempo de voltarmos à igreja e de voltarmos com ânimo de a percorrer de espaço.

* * *

O primeiro altar, à mão direita de quem entra, tem por patrono um dos expoentes máximos da Ordem dos eremitas agustinianos — o grande Santo Tomaz de Vila Nova, que foi cognominado de «Apóstolo da Espanha». A seus pés está uma pequena imagem de Nossa Senhora de Lourdes e nas mísulas laterais estão: S. Lourenço, na da esquerda, e o mártir S. Sebastião (8), na da direita.

Do lado oposto temos um dos mais famosos altares de Lisboa — o dos pretos cativos (9) — altar que é privilegiado e que inspirou sempre grande devoção.

Nele se veneram os únicos negros que, segundo cuido, a Igreja canonizou até a data. São quatro, três homens e uma mulher. Os que estão em plano mais elevado, com mantos brancos e cada qual com sua casinha na mão, foram carmelitas e são Santa Efigênia (esquerda) princesa da Núbia e Santo Elesbão (direita), imperador da Etiópia. Os outros dois foram franciscanos e são Santo António de Notto (por baixo de Santo Elesbão) de quem há outra imagem em Lisboa (na ermida de Monserrate, tam falada últimamente) e S. Benedito (por baixo de Santa Efigênia), o tal de quem se costuma dizer, com irreverência: que não come nem bebe, mas anda gordito. As esculturas nada valem sob o ponto de vista artístico, todavia o conjunto das quatro imagens, de rostos de azeviche, é curioso por seu exotismo. No lugar de honra dêste altar vê-se a bela imagem de Nossa Senhora do Rosário, que pertencia à ermida da Travessa da Verónica, e que substituiu outra imagem da Virgem, com a mesma invocação, que foi patrona da capela, que era sede duma irmandade de homens negros existente no tempo

dos frades. A seus pés vê-se a reprodução da face de Cristo impressa na toalha com que a boa mulher lhe enxugou o rosto mortificado quando Jesus caminhava para o Calvário transportando o madeiro ignominioso em que ia ser crucificado — ou seja a Verónica, que era orago da ermida sobredita. Nas mísulas laterais estão dois dos arcanjos. À esquerda, S. Rafael conduzindo o pequeno Tobias salvo das águas, imagem com quem, noutros tempos, se apegavam os que desejavam tomar estado conjugal. À direita, S. Miguel representado em boa e original escultura.

No altar seguinte temos uma espécie de Calvário armado com boas imagens de vária procedência. No lugar de honra, entre S. João Evangelista e Santa Maria Madalena, um grande crucifixo, que um mealheiro colocado no vão da capela nos diz ser o Senhor Jesus da Montoia. Trata-se de uma das melhores imagens que a igreja da Graça conserva, evidentemente trabalhada pela goiva de um dos grandes imaginários espanhóis da segunda metade do século XVI. E a sua invocação mostra bem como tudo se perde neste mundo. Não é o Senhor Jesus da Montoia, mas, sim, o Senhor Jesus do Montoya, isto é, do Venerável frei Luiz de Montoya de quem tanto falei há pedaço. É a famosa imagem que foi oferecida ao piedoso frade por dois mancebos em tão misteriosas circunstâncias que logo se disse ter sido trazida por dois anjos; a mesma que, como era tradição no convento, falava muitas noites com o santo varão. A seus pés está uma imagem de Nossa Senhora das Dores, que me parece admirável, embora não seja merecedor de encómios o seu estado de conservação. Dos lados: à direita, S. Gonçalo de Lagos⁽¹⁰⁾, insigne algarvio, filho da ordem dos graciosos, que morreu em 1428 e está sepultado em Santa Maria da Graça, de Tôrres Vedras, e à esquerda, a primorosa imagem do fundador dos arrábidos, S. Pedro de Alcântara, com suas camândulas de cortiça.

Fronteiro a êste segundo altar do lado do Evangelho, fica outro em que só se veneram imagens modernas, destas que são fabricadas em série, iguais, por conseguinte, às que vemos por todo o lado — Nossa Senhora do Rosário de Fátima, escultura convencional, o Beato Nuno de Santa Maria (à esquerda), de péssimo gosto (pois pode parecer S. Vicente de Paulo em novo) e Santa Luzia (à direita), que não desmerece das mais. No fundo, por detrás da imagem de Nossa Senhora,

ainda se vê pintado um navio de vela. É o que resta da primitiva decoração desta capela, que até há poucos anos era consagrada à bela imagem de S. Gonçalo de Lagos, que vimos há pouco. ⁽¹¹⁾

Dêste mesmo lado da Epístola segue-se o altar de Nossa Senhora da Piedade, escultura seiscentista que parece ser boa. Abaixo dela, à boca do camarim, a advogada dos impossíveis, cuja vida foi admirável como filha, como esposa e como mãe — Santa Rita de Cássia. ⁽¹²⁾

Nas mísulas consabidas vêem-se: do lado esquerdo, o Patriarca S. José, e do lado direito, um santo jesuíta muito ligado à nossa História — o homem que, sendo grande de Castela, ao ver em putrefacção os restos mortais da sua Imperatriz e Rainha, a formosíssima Isabel de Portugal, proferiu a célebre exclamação: *No más serviré a amo que se me muera* — S. Francisco de Borja.

Em frente está o altar do Sagrado Coração de Jesus, escultura moderna, mais ou menos aparentada com outras nossas conhecidas. Esta imagem está aqui há relativamente pouco tempo e substituiu duas outras que estão hoje na escada que vai para a chamada Casa do Despacho da Irmandade do Santíssimo — o Senhor da cana verde e o Senhor prêso à coluna. ⁽¹³⁾

Nos nichos laterais temos: no da esquerda, outro grande expoente da ordem dos augustinianos, outrora titular duma capela que ficava onde é hoje a do Santíssimo — o piedosíssimo S. Nicolau de Tolentino — que também foi patrono de uma irmandade constituída pelo regimento de infantaria 16 (¿da reorganização de 1806?); no da direita, S. Luiz Gonzaga, imagem moderna, que substituiu a de S. Guilherme, monge agostinho, natural de Tolosa, no sul de França. ⁽¹⁴⁾

Segue-se a capela do Santíssimo, reconhecível à simples vista por amor de seus pesados cancelões de origem jansenista e em frente dela o altar onde se venera a grande e bela escultura de Nossa Senhora da Conceição, que foi dos frades. A seus pés vê-se linda e invulgar imagem do Baptista, ainda infante, acompanhado pelo tradicional cordeiro — o cordeiro de Deus. Nas mísulas: o nosso querido e venerado Santo António de Lisboa (esquerda), cuja imagem é pouco recomendável e o milagroso Santo Amaro (direita) em concepção inegavelmente feliz.

Antes de passarmos ao transepto lancemos uma vista de olhos pelo moderno côro, onde um grande órgão — fabricado pelo construtor bra-

careense Claro — permanece mudo e quedo há bons vinte anos. É o representante silencioso dos três órgãos que os frades tinham e onde frei Martinho de Santa Mónica e frei Manuel Pousão se não cançavam de tocar suas composições apreciadas. De um deles, diziam ter as vozes mais suaves de Lisboa. Verdade seja que também se garantia que, quando tocava com todos os registos abertos, era ouvido no Rossio! Vamos com Deus; para suavidade; era demasiado! . . .

Os púlpitos, como vêem, não têm interêsse de maior; são triviais.

Aqui no cruzeiro, dêste lado do Evangelho, temos três altares — dois grandes e um pequeno. Neste último, por detrás de singela armação de vidro, está a veneranda imagem de Nossa Senhora da Consolação, orago que foi, ao que julgo, da antiqüíssima Confraternidade da Correia de Santo Agostinho. A seus pés estão, em busto, as figuras de Santo Agostinho e de sua mãe, Santa Mónica.

Neste outro altar, que fica no topo norte do cruzeiro, estão imagens que têm história.

— ¿Sabeis quem é a que está no trono?

Eu vo-lo digo — é Nossa Senhora da Vida (¹⁵), imagem milagrosa e de grande devoção, outrora venerada em uma capela, célebre por seus azulejos (¹⁶), na antiga paroquial de Santo André. Escapou ao tremendo sismo de 1755. A 4 de novembro, três dias depois da catástrofe, foi levada para a igreja do Menino Deus, mas voltou depois a sua casa. É imagem primorosamente trabalhada e veio para aqui em 31 de maio de 1835, quando foi transferida a paróquia.

Um pouco abaixo, simètricamente dispostas, duas outras imagens da Virgem, de mais pequenas dimensões. A da esquerda é Nossa Senhora do Carmo; a da direita é a célebre imagem de Nossa Senhora da Pérsia que, no dizer de frei Agostinho de Santa Maria, é trigueirinha e tem três palmos de alto. Sua história é curiosa e pela julgar desconhecida de muitos conto-a em poucas palavras.

Quando se perdeu Ormuz, em 1622, os templos foram saqueados e esta imagem da Virgem levada por certo árabe para Aspão (¹⁷), cidade da Pérsia onde os eremitas agustinianos tinham um convento incorporado no padroado oriental. Era seu prior um graciano, frei Francisco Ribeiro de nome, que não teve um minuto de sossêgo (desde que soube da existência da imagem na loja do mercador) enquanto a não resgatou.

Ora os negócios do mouro, depois que vendeu a imagem aos religiosos, entraram de ter progressos de caranguejo, e a breve trecho o mercador estava à beira da ruína. Atribuindo o caso à falta da imagem, foi se ao convento e exigiu dos frades o desmancho do negócio. E' de ver que êles não anuíram. Então o árabe ameaçou-os com as autoridades e os frades, que tinham a imagem guardada num armário da sacristia, disseram ao mercador que já não a possuíam, pela terem enviado para Goa. Êle, porém, não acreditou e teve artes de alcançar uma vistoria no convento. Mas, certamente, por milagrosa intercessão da Virgem, a busca não deu resultado. E não no deu porque tudo foi revolido, menos, exactamente, o armário onde a imagem estava!

E no primeiro ensejo a imagem foi expedida para Goa e de Goa para a metrópole. Desde 1644 que está na Graça, tendo sido entronizada neste altar, que era então de Santa Ana, no lugar agora ocupado por Nossa Senhora da Vida. Em baixo, na boca do camarim, vê-se Santa Teresinha do Menino Jesus.

Êste último altar é o do orago do convento — Nossa Senhora da Graça. Já narrei a história da origem da imagem. Falta-me dizer o resto. Foi a 14 de agosto de 1362 que ela surgiu das águas do Atlântico, prêsa na malha da rêde dos pescadores cascarejos e nesse mesmo dia falou ao povo por intermédio da criancinha de peito. Outra vez, que se saiba, a imagem se dirigiu aos fiéis, desta feita sem recorrer a intermediários — justamente vinte e três anos decorridos sôbre a data da sua aparição: a 14 de agosto de 1385. No momento preciso em que nos campos de Aljubarrota se decidia a favor de Portugal a célebre batalha, Nossa Senhora da Graça anunciou o facto a quem estava orando com fervor ante seu altar. Por esta razão e para perpétua lembrança do prodígio, o cabido eclesiástico e o Senado da Câmara de Lisboa fizeram voto de virem todos os anos, pelo dia do aniversário da batalha, em procissão a esta igreja a dar graças à Virgem pela victória. Êste louvável costume perdurou até 1581 e foi restabelecido em 1641, mas perdeu-se não sei quando. ⁽¹⁸⁾ Esta Senhora foi padroeira de uma irmandade de grande importância e entre os seus juizes contou-se o infante D. Henrique. A infanta D. Maria, filha do terceiro casamento do «Venturoso», foi tam devota sua, que mandou revestir tôda a imagem de prata, com excepção do rosto e das mãos. Em 1755 ficou

sepultada nos escombros de sua capela. Diz o padre João Baptista de Castro que a cabeça e as mãos da imagem se salvaram e que se ficou devendo à piedade de monsenhor José Francisco de Mendça (que era seu afilhado) a nova reforma do corpo da Senhora. Ora basta olhar para ela para se verificar imediatamente que a reforma não ficou circunscrita só ao corpo. As três restantes imagens, que figuram neste altar vieram tôdas da igreja do Menino Deus. O grande Crucifixo que está ao fundo é o devotíssimo Senhor Jesus do Penêdo, uma das poucas relíquias subsistentes da demolida igreja de S. Tomé. Não é, infelizmente, a primitiva e famosa imagem de barro, porque o terramoto encarregou-se de a escaqueirar. Mas é a de madeira, do mesmo tamanho que a outra, mandada fazer pelos de sua confraria e colocada solenemente em seu altar no dia que a Igreja celebra a Invenção da Santa Cruz por Santa Helena — 3 de maio — do ano de 1757. As outras duas são: o Arcanjo S. Miguel e S. Silvestre, Papa, e nada as recomenda. (19) Em baixo, metida no próprio altar — de que noutros tempos foram padroeiros os Correios-mores — a veneranda imagem do Senhor Morto, que foi dos frades.

* * *

No braço direito do transepto temos outros três altares, que estão em correspondência com os de lá.

Defronte do de Nossa Senhora da Consolação, também com caixilhos envidraçados, fica o de Nossa Senhora da Divina Providência, invocação muito pouco vulgar segundo julgo. Eu, pelo menos, nunca a tinha ouvido.

Estoutro altar, que emparelha com o de Nossa Senhora da Pérsia, foi, até 1772, consagrado a Santa Rita de Cássia, e êste facto ainda perdura na designação por que é conhecida a porta travessa que dá ingresso ao templo — chamam-lhe porta de Santa Rita.

Naquele ano foi comprada aos frades, por 150\$000, pela Irmandade dos Passos, para nele se colocar S. Marçal, imagem com a qual a Irmandade tinha obrigações para todo o sempre.

Desde 1908 que lá está uma imagem (que também pertence

Irmandade dos Passos) de Nossa Senhora da Soledade ⁽²⁰⁾ e desde não sei quando que a histórica e antiqüíssima imagem do santo advogado contra o fogo deixou de lá figurar. ¿Que terá sido feito do pobre S. Marçal? ; Sabe-se lá! . . . ⁽²¹⁾

A nossa atenção recai agora sôbre o altar onde se venera uma das mais célebres imagens de Lisboa e, talvez, das tradicionais, aquela por quem ainda se mantêm bem vivos entranhado amor e grande culto — o Senhor dos Passos da Graça, patrono da mais antiga Irmandade de Vera Cruz e Passos de Cristo existente em Portugal, instituída, parece que em 1586, pelo pintor régio Luiz Álvares de Andrade, pessoa piedosíssima, e confirmada pelo arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro.

Logo, quando estivermos no claustro do convento — onde foi a primeira sede da Irmandade — trataremos da célebre procissão, a única que ainda hoje se efectua periodicamente na capital, embora com itinerário muito diferente do primitivo e a-pesar-de ter sofrido algumas intermitências em sua realização.

Há muito de lendário em tôrno do culto da milagrosa imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo caminhando sob a cruz, em direcção ao Calvário. A verdade, porém, é esta: Luiz Álvares de Andrade instituiu a Irmandade com tenção de que fôsse instalada na igreja de S. Roque, dos padres da Companhia de Jesus.

Os jesuítas, como não tivessem capela disponível, nem no templo nem no claustro, fizeram ver ao instituïdor a impossibilidade em que estavam de lhe serem agradáveis, circunstância que, aliás, devia penalizá-los pois Luiz Álvares de Andrade era muito lá de casa, tanto assim que foi enterrado no cruzeiro de S. Roque e o respectivo assento de óbito dá-lo muito devoto da Companhia.

Na mira de lenitivar o desgosto de Luiz Álvares os padres sugeriram-lhe que talvez no convento de Nossa Senhora da Graça pudesse alcançá-la e assim sucedeu, instalando-se numa das capelas do claustro. E para que a intenção de Luiz Álvares não se malograsse de todo, concertou-se que na procissão anual da Via Sacra (à imitação das de Sevilha), a fazer na segunda sexta-feira da Quaresma, a imagem saíria da capela da Santa Cruz de Cristo, na igreja de S. Roque, para a sua morada no claustro dos gracianos. De lá veio a primeira vez em 1587, e nos anos seguintes passou a ir na véspera à tarde, ou à noite, para

S. Roque, donde voltava para a Graça, em procissão, que, até 1908, anos e anos a fio, foi um dos grandes acontecimentos da vida lisboeta.

Com o progressivo desenvolvimento da Irmandade — ¡ chegou a ter que limitar-se a 1.500 o número dos irmãos! — a santa imagem foi estando no claustro até que, em 1667, a Confraria dos foreiros de S. Marçal, aqui erecta, com prévio assentimento do superior e mais religiosos do convento, transferiu para a Irmandade dos Passos o jus e o domínio desta capela — ou melhor, da capela que havia neste lugar — com obrigação de ser conservada em nicho especial *para todo o sempre* a imagem do santo bispo seu patrono. E não se sabe ao certo quando, mas muito provavelmente em 1670 ou no ano seguinte, o mais tardar, a imagem do Senhor dos Passos da Graça passou a ser venerada no cruzeiro em sumptuosa capela, adrede transformada, e que, por imposição dos frades (os quais, então, ainda eram pessoas de bom gosto) teve de ser de risco semelhante ao da de Nossa Senhora da Graça, que lhe ficava em correspondência — como hoje ainda — no lado do Evangelho.

Até 1755 tudo seguiu na mesma. O terramoto destruiu tudo, salvando-se apenas a imagem do Senhor (²³), com certeza em mau estado, pois ficou debaixo de entulho, em tamanha quantidade, que só ao cabo de oito dias deram com ela, tendo sido mandada desenterrar pelo duque de Lafões, pelo conde-barão, pelo conde de S. Lourenço e por D. Vasco da Câmara, filho dos condes da Ribeira,

A capela, depois da reconstrução de 1765-1772, ficou tal como a vemos, salvo o chocante altar de pedra, que é moderno. A imagem de S. Marçal (que também escapara) é que saiu de cá e foi para altar próprio, como disse há pouco.

Vamos agora ver as dependências da capela onde há um arcaz notável, muitas e boas pratas — modernas quasi tôdas, porque as antigas ou se perderam no terramoto, ou foram parar à Casa da Moeda por ordem de Junot, ou foram sacrificadas em nome da Liberdade — alguns paramentos notáveis (designadamente o que deu o duque de Lafões) e outras alfaias.

Na casa do despacho, as paredes são decoradas com quadros pintados, por Francisco José da Rocha, entre 1787 e 1788. Não são grande coisa mas foram bem pagos — importaram em 250\$000 réis, afora o custo do material e da colocação.

São sete telas, algumas de grandes dimensões, e representam várias scenas da vida do Salvador — três aludem à tentação pelo demónio, duas referem-se a milagres, outra representa o episódio da Samaritana e a última um grupo de anjos ministrando alimento ao Divino Mestre. Entre as pratas há a notar : um calix notável (dourado), que foi da igreja do Menino Deus e tem a data de 1704 ; a custódia de prata dourada que pertenceu à matriz de Loures, à qual foi oferecida por el-Rei D. Miguel ; as lanternas e cruces processionais, feitas no Pôrto no princípio dêste século, e uma interessante lâmpada de prata, em forma de navio antigo, entregue à irmandade por Mgr. Ferrieri, Núncio Apostólico, em 1867 e que se diz ter sido oferta do infante de Espanha D. Sebastião Gabriel de Bourbon.

No pavimento térreo, a casa de entrada tem as paredes revestidas de *ex-voti*, que testemunham milagres e graças obtidas por fieis que recorreram à intercessão valiosíssima do Senhor dos Passos.

São numerosos os quadros representando navios debaixo de medonhas tempestades, meio desarvorados, com os panos rotos e a mastreação desconjuntada, senão destruída.

Há também aguarelas de simplicidade primitiva em que certos anónimos, pintores rudimentares (embora deixem entrever já em suas obras o futurismo, quando não a inépcia mascarada de futurismo, de nossos dias) buscam exprimir ingenuamente os grandes apertos em que os penitentes se viram — apertos que vão do furúnculo que lhes punha as caras como trambolhos, até a queda de um segundo ou terceiro andar de cabeça para baixo mas . . . sem que, pudibundamente, as roupas sofressem a acção da lei da gravidade . . . A-pesar-de seu aspecto tantas vezes ridículo, devemos olhar os *ex-voti* com respeito e com simpatia, porque são padrões de amarguras e de angústias lancinantes, que sofreram almas de homens como nós, mas que encontraram na Fé lenitivo, auxílio e conforto, que muitos de nós — ¡ infelizmente ! — não encontraremos amanhã, quando provados pela espada da Dor.

Há mais simples fotografias, cujo significado escapa a quemquer que seja, e habilidades de mãos, das quais a mais curiosa é, sem dúvida, certo bordado feito com massas alimentícias — «argolinha», «pevide» e outras que tais — que «armam» verdadeiro ramo de flores. As promessas de cera não têm conto. Devo chamar também a vossa

atenção para certas iluminuras ainda subsistentes em livros de «Compromissos» da Irmandade e sobretudo para o riquíssimo diadema de ouro oferecido ao Senhor Jesus dos Passos da Graça por el-Rei D. José I (e não por seu augusto Pai, como se lê em quasi tôda a parte), em 1753, quando a futura Dona Maria I esteve tam gravemente doente que pôde attribuir-se a cura à poderosa influência do Senhor dos Passos, cuja imagem foi levada processionalmente para a Patriarcal (junto ao Paço da Ribeira), donde voltou depois com extraordinária pompa, sendo conduzida até a porta da antiga Capela Real aos ombros de Sua Majestade Fidelíssima, dos infantes D. António e D. Manuel, seus tios, do infante D. Pedro, seu irmão, de D. João da Bemposta e dos marqueses das Minas, do Lourçal e de Távora (Luiz Bernardo). Com a imagem vieram seis tocheiros de prata, dádiva del Rei.

E mais tarde, quando a Princesa do Brasil veio, acompanhada pela Rainha sua mãe e pelas infantas suas manas, a dar graças ao Senhor pelo restabelecimento de sua saúde, trouxe como penhor de gratidão da Família Real, a mais linda e valiosa jóia que ainda hoje se guarda nesta Igreja — o diadema-resplendor de ouro que só serve nos dias grandes e de que havia uma réplica em prata dourada (oferta de uma senhora da casa de José Bento de Araújo) que o «espírito aleatório» dos prestantes cidadãos, que, depois de 1915, aqui puseram e dispuseram, fez evaporar, dizendo-se que foi derretido na «Casa das Bengalas», na Rua da Prata, ou à sua ordem. Este diadema de ouro não se «evaporou» porque a fechadura do cofre é muito teimosa.

* * *

A capela-mór, abatida em 1755, tinha os condos da Ericeira por padroeiros e era sumptuosíssima.

No meio da tribuna onde estava o Santíssimo Sacramento erguia-se uma fábrica de mármores de várias côres, formando desenhos, disposta em guisa de escadório, com três degraus. No último dêles estavam dois anjos de prata macissa (cada qual com onze palmos e meio de alto) com os cabelos dourados e cujas asas, mercê de certo artifício, serviam de cortinas para descerrar ou encerrar a Eucaristia quando era exposta,

de longe em longe, à adoração dos fieis. Tinham sido dados por D. frei António Botado, bispo de Hipona, filho, que foi, dêste convento, e que jaz sepultado em campa raza ali atrás do altar-mor.

Pendente das mãos dos anjos estava o célebre cofre de madeira acharoadada com lâminas e colunas de cristal lapidadas e encimadas por capitéis de prata, que o rei de Ormuz mandara de presente a D. frei Aleixo de Meneses, quando arcebispo de Goa, em 1610. Está hoje no Museu das Janelas Verdes. Dentro dêsse cofre estavam outros dois e no último, como quem diz: fechada a sete chaves, é que se guardava a Hóstia Consagrada.

O primeiro era de prata dourada tendo em meio relêvo vários passos da Sagrada Escritura. Dera-o o mesmo bispo de Hipona e levou sumiço.

O outro, que também transitou para o Museu das Janelas Verdes, é de folha de ouro fino, ornado de primorosos trabalhos em relêvo e tem mais de um palmo de comprimento. Foi dádiva de D. Filipa de Vilhena, mulher do vice-rei da Índia, Matias de Albuquerque. Dentro dêsse cofre, pendentes de cadeias de ouro fino, guardavam-se duas preciosíssimas bolas de âmbar.

Depois da reconstrução de 1765-1785, o tecto chegou a ser pintado por Pedro Alexandrino. Houve, porém, que reformar tudo e depois de 1905 ficou o que se pode ver, importando contudo pôr-vos de sôbre-aviso por via dos fingidos — há coisas que imitam pedra mas que são de madeira pintada. Bastará citar as grandes colunas do fundo da capela.

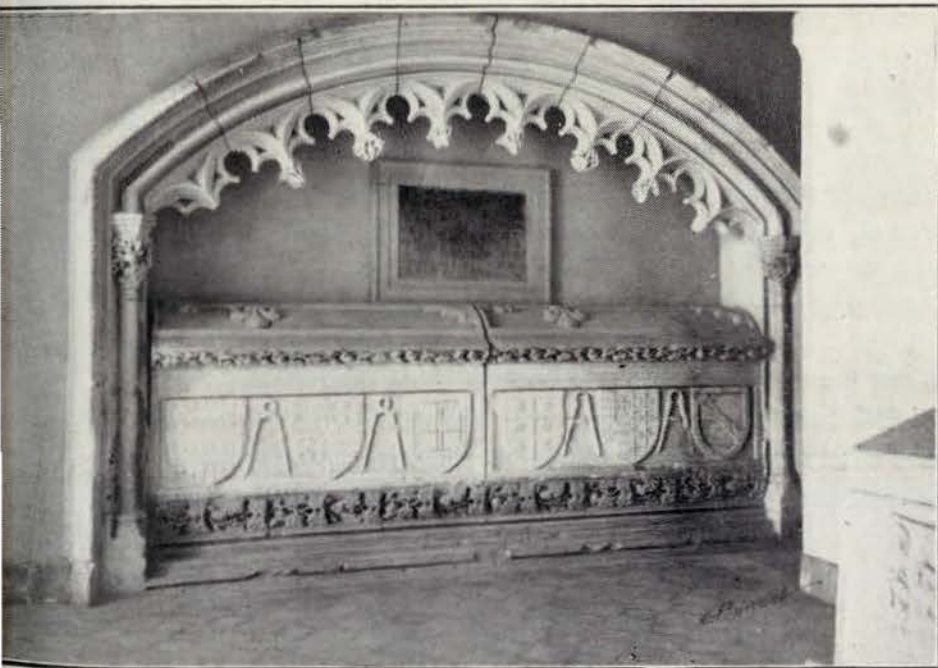
A grande imagem de Santo Agostinho ⁽²³⁾ que está agora a meio da banquetta, conservava-se, ainda não há muitos anos, em seu lugar primitivo — na boca do trono, onde vemos aquele baldaquino de forma invulgar. As imagens que ladeiam a do grande Doutor da Igreja são as dos oragos das duas freguesias anexadas, para aqui trazidas processionalmente no dia 31 de maio de 1835. Da banda do Evangelho: o apóstolo Santo André, arrimado à cruz em aspa, sôbre a qual padeceu pela Fé; do lado da Epístola, Santa Marinha.

Atrás do altar-mór há duas pequenas dependências. Numa delas, a da direita, acanhadíssima, conservam-se três arcas tumulares lisas, vindas da antiga paroquial de Santo André, que ficava situada a-par-da



O sumptuoso cofre com que o rei de Ormuz presenteou o arcebispo de Gôa, D. frei Aleixo de Meneses, em 1610

*Foto «Museus Nacionais de Arte Antiga»,
reproduzida com autorização muito amavelmente concedida pelo Ex.^{mo} Director.*



Igreja da Graça — Túmulos de Rui Gomes de Alvarenga e de D. Melicia de Melo, sua mulher

Foto Eduarao Portugal

Igreja do Recolhimento do Menino Deus, de Terceiras Xabreganas. São do tempo del-Rei D. Diniz. Duas eram, respectivamente, da mulher e do filho de Aires Martins, que foi vice-chanceler do «Lavrador» e morreu a caminho da Terra Santa, já depois de ter instituído, com sua consorte, a capela de Santo Ambrósio na paróquia demolida. A outra guardou talvez a ossada do instituidor da capela de Nossa Senhora da Vida, padre Martinho Domingues, que foi beneficiado na Igreja de Santo André.

A da esquerda é linda capelinha, que resistiu ao terramoto. É toda de ricos mármore e tem um invulgar retábulo de ébano em que ainda podem observar-se restos de aplicações de marfim e de madreperola.

Foi recentemente restaurada a-fim-de servir de depósito eucarístico, em Quinta-feira Santa. Tem duas imagens (modernas) sendo uma de Santa Bárbara. Instituiu-a Luiz das Póvoas, que foi provedor das Alfândegas, e sua mulher D. Antónia de Meneses, para seu jazigo e de seus descendentes. Não sei que invocação tinha.

É curioso notar que foi por via do nascimento deste Luiz das Póvoas que à imagem do orago do convento de S. José de Ribamar veio a fama de favorecer a frutificação dos matrimónios. Na abóbada do tecto são ainda visíveis os efeitos dos sacões do abalo de 1755 e no mármore dos túmulos também estão patentes as consequências da «curiosidade» dos tais «cavalheiros» de nosso tempo a quem já aludi por mais de uma vez. ⁽²⁴⁾

Os órgãos que estão nas tribunas não tocam e do jazigo dos condes da Ericeira não há vestígios, ao que suponho. ⁽²⁵⁾

Antes de passarmos à sacristia quero chamar a vossa atenção para o facto deste templo ter sido jazida de quatro governadores da Índia, ⁽²⁶⁾ que foram, por ordem cronológica: Afonso de Albuquerque, Lopo Soares de Albergaria, D. Henrique de Meneses, o Roxo e André Furtado de Mendonça.

As vicissitudes por que passou a Igreja da Graça fizeram que não se saiba ao certo do paradeiro das ossadas de nenhum deles.

Os restos de Afonso de Albuquerque só para aqui vieram, mais de cinquenta anos depois dele ter dado a alma a Deus (no domingo, 18

de maio de 1566) trazidos processionalmente da igreja da Misericórdia, adonde estavam desde o dia 6 de abril antecedente.

Receberam sepultura nesta capela-mór, que os frades haviam cedido, para sua jazida, a Braz de Albuquerque, filho do insigne capitão. Entre 26 de agosto de 1633 (data em que, por escritura feita nas notas de Gaspar Pereira, os graciosos denunciaram o contracto que haviam celebrado com o dono da Casa dos Bicos) e 22 de Junho de 1637 (dia em que os mesmos religiosos contractaram com os testamenteiros do conde da Ericeira, D. Diogo de Meneses, nova cedência do padroado da capela-mór) os ossos do conquistador de Ormuz foram entregues a D. Jorge Manuel, ⁽²⁷⁾ ao tempo proprietário da quinta da Bacalhoa, que, parece, os levou para Azeitão, onde lhes mandou dar sepultura.

Lopo Soares de Albergaria, immediato sucessor de Albuquerque e tam seu inimigo que nem o cadáver lhe respeitou, foi enterrado na capela que instituiu onde é o actual baptistério.

D. Henrique de Meneses, *o Roxo*, sétimo governador da Índia, falecido em Cananor em 1526, veio para aqui trasladado muito depois e recebeu sepultura num «túmulo de pau velho e tôsko» que estava na capela-mór e era jazigo do conde da Ericeira.

André Furtado de Mendonça, valoroso defensor de Malaca, a quem no Oriente chamaram *o grande capitão*, morreu em viagem para a metrópole, já depois de passado o Cabo da Boa Esperança, em abril de 1610. Foi sepultado neste convento em outubro do mesmo ano, mas não se sabe o local.

Muita mais gente notável aqui teve jazida, por exemplo os condes de Val de Reis (senhores do palácio que esquina para a calçada da Graça), de cujo jazigo resta a lápide, além, a meio da Igreja, poucos metros adiante do guarda-vento.

É tempo de seguirmos a romagem para a sacristia.

Neste altar, que se nos depara no corredor, estão três imagens — a do meio é Nossa Senhora da Conceição, que foi da freguesia de Santo André e que a tradição diz ser a mais antiga existente em Lisboa; aos lados: os pais da Virgem — São Joaquim e Santa Ana. À esquerda do altar há um túmulo, que não sei de quem seja, e sob nossos pés uma lousa mal assente produz sons cavos sempre que a pisam. E' tam-

pa de um carneiro onde as bôcas do mundo diziam ter sido sepultada com vida, por ocasião de certa peste, uma donzela, cujo corpo foi mais tarde encontrado nos degraus da escada que conduzia à superfície do lagêdo. ¿Verdade? ¿Mentira? ¡Sabe-se lá! . . .

Passamos a outro compartimento onde há azulejos preciosos, alguns do século xvii, e dois altares inutilizados igualmente revestidos de magníficas faianças. A escadaria conduz ao pavimento superior e lá em cima também há azulejos dignos de nota. A porta larga ligava noutros tempos com o claustro nobre. Deve reparar-se que os azulejos que lhe estão próximos fazem lembrar os da capela de Santo Amaro. Duas lápides funerárias, fronteiras uma à outra, assinalam as últimas moradas de duas personagens de nomeada.

De um lado D. Pedro Pueros, aio e mestre do sempre chorado Príncipe D. Teodósio — o tal «cuja voz ou aceno bastava para que o Príncipe, cortando pelo seu divertimento, se recolhesse obedientíssimo» — eleito bispo de Miranda (segundo a lápide que, assim, desmente o cronista que o dá como eleito para a diocese da Guarda) e falecido em 14 de maio de 1649. D. Pedro Pueros era irlandês e fugiu da verde Erin por causa das perseguições religiosas. Refugiou-se em Portugal e doutorou-se em teologia na Universidade de Coimbra. Teve um filho natural — frei Manuel Pueiros ou frei Manuel da Conceição — que professou neste convento, foi confessor da Rainha D. Luiza de Gusmão e primeiro instituïdor, no nosso país, dos Agostinhos descalços, frades que, em razão do sítio onde tiveram sua primeira casa, ficaram conhecidos pelo nome de grilos.

Defronte fica a sepultura do bispo do Funchal, D. Jerónimo Fernando, quarto neto del-Rei D. Duarte. Pertenceu à Companhia de Jesus e foi o primeiro prelado madeirense que visitou a Ilha do Pôrto Santo. Tinha sido preconizado em 1618 e porque era muito activo e vigoroso chamaram-lhe o «Apóstolo Bravo». Morreu quási centenário em 2 de maio de 1650.

Enquadrando a porta da sacristia estão dois panos de azulejos setecentistas em cujas designações já se entrevê a feira dos mitos — um dêles representa a Liberalidade. E' curioso notar que os do século xvii ficavam-se por figurações mais elevadas — a Fé, a Justiça, etc.

A sacristia, verdadeiramente grandiosa, está classificada como monumento nacional.

Não se sabe de quem foi o risco desta admirável casa. Sabe-se, porém, que é anterior ao reinado do «Magnânimo». E' pois uma das muitas obras que atestam a existência de bons architectos em Portugal no último quartel de seiscentos e que abonam seus recursos excepcionais. As obras foram custeadas pelo Secretário de Estado de D. Pedro II, Mendo de Foios Pereira e por seu irmão D. frei António Botado, bispo de Hipona e iniciaram-se no tempo em que um outro irmão, frei Pedro de Foios (mais tarde, bispo de Bona), era provincial do convento. Mendo de Foios, que antes de Secretário de Estado estivera em Madrid como Enviado, como se visse viúvo e sem herdeiros resolveu instituir a capela do Santuário das Relíquias na sacristia da Graça, que, para o efeito, comprou aos agostinhos para seu jazigo, ficando com seu padroado. Dorme o último sono além naquele túmulo riquíssimo. Com o terramoto abateu a parede do altar das Relíquias e o tecto desabou sobre uma pedra maravilhosa — «estimável pelo precioso da matéria e pelo esquisito debuxo de seus marchetados e embutidos» — que servia para pôr os cálices e a estilhaçou e inutilizou por completo. Depois da reconstrução, Pedro Alexandrino foi encarregado de pintar o novo tecto, que representa a Assunção da Virgem e é, indiscutivelmente, um dos melhores trabalhos do fecundo pintor setecentista.

Na moldura do grande painel, aqui e além avariado pela infiltração de água das chuvas, está por cima do altar das relíquias, o retrato de D. frei António Botado, no púlpito, em ar de quem prega a palavra divina. No lado oposto, por cima de seu túmulo, vê-se o que deve ter sido a vera efigie de Mendo de Foios Pereira.

Os arcazes são de excelente madeira e contêm bons paramentos. Mas já lá não está um, de veludo de seda verde agalado a ouro, que a «Cultural Oriental», designação official dos tais sujeitos em quem tenho falado, mandou para o Museu das Janelas Verdes.

O relicário tem lá muita coisa, mas parece falta de tudo o que havia de bom. ⁽²⁸⁾ A grande cruz que se desenha na caixilharia servia de moldura à riquíssima e preciosíssima cruz que D. frei Aleixo de Meneses dera ao convento, jóia inestimável que se evaporou misteriosamente há mais de um século. ⁽²⁹⁾

Os azulejos do roda-pé são talvez os piores que havia no convento.

Nas paredes estão numerosos quadros muito danificados pela humidade. Os três melhores — um dêles o «S. Sebastião», de Clemente Sanchez — «voaram» há poucos anos para o Museu. Dos que restam, só é notável por seu risco, que contrasta com todos os mais, uma «Pietà», em que não é difícil entrever a autoria castelhana.

Aquele busto de S. Agostinho, lindamente esculpido em pedra de Ançã, que está junto do túmulo de Mendo de Foios, foi há anos encontrado num desvão, por detrás do altar dos pretos cativos. Há notícia de ter pertencido a um túmulo, mas não se sabe de quem.

E está terminada a visita à Igreja de Santa Maria da Graça de Lisboa. Vamos agora ver alguns restos do convento.

III

Depois de sua secularização, em 1854, a velha casa dos gracianos de Lisboa não mais deixou de servir de quartel.

O primeiro regimento que para cá veio foi o 10 de infantaria; outros se lhe seguiram.

Em 1910 o inquilino era infantaria 5, que, pouco tempo depois, foi substituído pelo 16.

Hoje o quartel é dependência do batalhão de caçadores n.º 7, cuja séde é no Castelo de S. Jorge, e também cá se hospeda uma Companhia de Saúde.

Após mais de um século não só de abandono mas até de livre prática de toda a casta de vandalismos, ainda há vestígios do que foi esta grande casa e o que resta ainda merece ser considerado monumento nacional e, se não restaurado, pelo menos re-integrado.

Quando terminarmos a visita estou que todos estareis de acôrdo comigo e que aprovareis que a Direcção do Grupo «Amigos de Lisboa» tente qualquer diligência na mira de salvar da ruina total algumas coisas que não têm par na capital e no país.

O recinto onde nos encontramos deve ter sido o antigo claustro da província a que também chamavam do carro em razão de estar pró-

ximo da porta conventual que tinha essa designação. Debaixo de nossos pés deve existir ampla cisterna, para recolha de águas pluviais, a qual há muitos anos — para me servir de linguagem militar — deve ter levado baixa pela junta. . .

Vamos iniciar a nossa visita pela face do edifício que está voltada ao poente. Depois veremos a portaria, a cozinha, o refeitório e, por fim, o cláustro nobre.

E' de-veras notável o facto da fachada ser reforçada até certo ponto por gigantes e daí por diante não. Como vêdes os gigantes são entremeados por grandes janelas de volta inteira.

¿ Que quer isto dizer?

Quanto a mim significa apenas que (à parte o primeiro andar, que é nitidamente seiscentista) até onde há gigantes a fachada é ainda, sem alteração visível, a primitiva. Um pouco adiante do último gigante corria a muralha da cêrca fernandina, cujas barbacã e cava só em 1544 foram doadas aos frades por el-Rei D. João III. E' evidente que só depois dessa data a fachada do convento foi mais além e essa circunstância verificou-se por ocasião das obras empreendidas pelo venerável frei Luis de Montoya. Razões de ordem vária, entre elas a de encurtar os gastos, teriam levado a conservar a traça primitiva sem alteração. Por isso chegou a nossos dias êste bocado de edifício que é, sem dúvida, das construções mais antigas de Lisboa.

A portaria — eu, pelo menos, cuido que o seria — é peça de primeira ordem com seus mármores de várias côres sàbiamente dispostos. Está, ainda assim, relativamente bem conservada. O pior conservado é o mosaico do chão em consequência de ter sido pisado durante quási um século consecutivo por botarras de solas cardadas. Alguns dos mármores gastaram-se porque não tinham sido feitos para ser pisados por calçado de tal natureza. O tecto abobadado deve ter tido pinturas de que talvez haja vestígios por baixo das sucessivas camadas de cal que tem levado.

Parece-me não haver dúvidas de que tudo isto vale bem uma pouco dispendiosa obra de re-integração.

(Conclue no próximo número)

A FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

Palestra proferida na Sala dos Actos por ocasião da visita promovida
pelo Grupo «Amigos de Lisboa» em 18 de Dezembro de 1938.

PELO DR. EDUARDO NEVES

ANDARAM sempre por aqui, êstes sítios, afeitos ao sacrifício pela cidade, mas sempre por bem, até mesmo a quando das lides taurinas, os respectivos lucros eram para a Casa Pia de Lisboa. Circunvizinho dum lado, êste local, do antigo Campo do Curral, ali para baixo, cerca de, onde ainda hoje se chamam as «fressureiras», defronte da actual Escola Municipal N.º 1, onde se abatia então o gado, assim sacrificado, para abastecimento da cidade; e do outro, da cerca do convento de Santa Ana, fundado em 1551, onde as freiras franciscanas vindas da Anunciada e do Castelo, exerciam a profissão de mestras de meninas, assistiu êste campo ao sacrifício dos chamados mártires da Pátria, vítimas de ideal, dessa época, posto que recente, ainda nublosa da nossa história.

Acerca das várias utilizações dêste local, nos seus primórdios vasto olival cerrado do Monte de Santa Ana, com a sua capelinha, muito haveria que dizer. Importa-nos, porém, agora, referir a sua actual aplicação a *Faculdade de Medicina de Lisboa*, creada em 1911 pelo ministro Dr. António José d'Almeida, que era médico,

E' com emoção que relembro que ali defronte, no Convento de Santa Ana, foi pupila da Madre Abadessa, minha avó, aí por meados de 1845, e que aqui nesta sala, mas aí em baixo, em maio de 1920, defendi a minha tese de doutoramento.

Permitam V. Ex.^{as} que ao falar de novo nesta Sala, desoito anos passados, eu recorde e me curve ante a memória do presidente do Júri da minha tese, o falecido Professor Betencourt Raposo, lisboeta ilustre, o Cantador dos Campos no dizer de Ricardo Jorge, que viveu filósofo e em Bucelas onde jaz, morreu poeta.

Ensina-se aqui a medicina e é daqui que após cinco laboriosos anos de estudo se sai: MÉDICO.

Timbrou esta escola sempre em ser das melhores e assentou também, desde que o português Dr. Duarte Lopes, físico-mór do Reino por disposição de D. João III aos 20 de Novembro de 1556 para o Hospital Real de Todos os Santos foi nomeado o primeiro professor de anatomia cirúrgica de Lisboa, até nossos dias, em ser simultaneamente erudito e prático o seu ensino.

Desde então, até hoje, que pléiade enorme de mestres e de alunos, cuja memória ainda se não extinguiu, a despeito do seu passamento.

E', que esta profissão foi desde sempre um sacerdócio — lugar comum da sua classificação muitas vezes repetido — mas raras compreendido.

Hipócrates já dizia que: «O médico amigo da sabedoria da Vida é semelhante à Divindade» e Paracelso, no alvorecer da Idade Média, escrevia: «O mais elevado fundamento da medicina é o amor. E' no coração que o médico se desenvolve e é em Deus que êle se inspira. O médico deve ser um Homem na verdadeira acepção da palavra».

E é, e tem sido, e Deus permitirá que continue a ser.

E para prova, só na nossa terra, eu ficaria aqui saúdoso a recitar nomes, desde épocas imemoriais até à série numerosa dos que deixaram de pontificar nos nossos dias; desde Tomaz de Carvalho, Belo Morais, Aníbal de Bettencourt e Custódio Cabeça, entre os mortos, Ricardo Jorge, Gama Pinto e Moreira Júnior entre os recém-jubilados, quantos!

Três pontos são base fundamental da sua formação: profundo saber, forte benemerência e absoluta isenção e sacrifício.

Citar exemplos seria ter que prelecionar o dia inteiro para só referir legendas. Vou escolher entre tantos, três exemplos, todos tendo pontificado nesta escola; não referirei datas nem nomes, porque o segredo profissional é sempre inviolável — foco exemplos.

Um abastado português procura na Alemanha um médico ilustre a quem pede alívio para o seu mal dos olhos. O oftalmologista insigne ao inquirir a nacionalidade do paciente pergunta-lhe se já havia consultado na sua terra o Professor Gama Pinto e à resposta afirmativa retorque-lhe: ¿E depois da sua opinião que mais procura?

¡Eis o profundo saber!

Um dia, ao regressar das suas lides afanosas de cancelas, o Professor Magalhães Coutinho despede o cocheiro e nega-se, por cansado, a ir assistir a uma rica titular, ao mesmo tempo que o seu porteiro, aflito, o solicita para igual fim para sua mulher. E êle, sem exitar, vai, e sendo-lhe chamada a atenção para o diferente procedimento que o poderia malquistar com a rica cliente responde: a titular tem muitos médicos porque pode pagar, e esta, poucos, porque não tem com quê. E morreu pobre.

¡Eis a forte benemerência!

Câmara Pestana, estudando e pesquisando, infecta-se, e, quasi moribundo, ainda ensina e aconselha. Morre cõscio do seu mal, adquirido com a consciência do perigo, sacrificando-se pela ciência e pelo bem dos vindouros.

¡Absoluta isenção e sacrificio!

E a êstes quantos o martirólogo da epidemia da pneumónica e do tabardilho, com Pereira de Matos em Manteigas, e tantos outros na série enorme dos herois ignorados dos campos e das aldeias.

E' assim a Medicina Portuguesa.

E o profundo saber transborda a arte de curar, vai para as letras, para as belas artes e para as ciências. Foram médicos os poetas Gonçalves Crespo e Marcelino Mesquita, romancista, Júlio Diniz, numismata Teixeira de Aragão, historiadores como Luz Soriano, humanistas Lima Leitão e alguns tão profundos como Serrano, que esgota o assunto na parte técnica da sua Osteologia, cujo prefácio é o compêndio histórico e crítico do ensino médico em Lisboa.

Tiveram sempre, e ainda hoje as nossas Academias têm, à sua

frente, médicos ilustres. Na das Ciências, Júlio Dantas e Egas Moniz com Silva Carvalho, Henrique de Vilhena, Moreira Júnior e Azevedo Neves. Na de Belas Artes, Reinaldo dos Santos e Xavier da Costa. Na de História e nos Arqueólogos, alguns destes com José Leite de Vasconcelos, Vieira Guimarães, Joaquim Fontes e tantos outros.

Nos Altos Estudos vimos brilhar Henrique de Vilhena, na Alta Cultura, o ilustre director desta Faculdade, o Prof. Celestino da Costa, lisboeta insigne, professor erudito e sabedor, grande reformador do ensino médico dos últimos tempos e ilustre amigo de Lisboa, de que muito me honro de ter sido um dos proponentes e a quem aproveito o ensejo para agradecer em nome do Grupo e no meu próprio as facilidades hoje concedidas e sobretudo a sua honrosa e amável comparência.

Até bem compreendida a alta e patriótica acção e finalidade do nosso Grupo, é entre os médicos que se recrutam um dos mais avultados grupos dos nossos sócios.

Até na política época houve após o advento da República, em que quasi só a médicos esteve enfeudada a governança pública. Foram em várias épocas notáveis ministros Moreira Júnior, Egas Moniz, Augusto de Vasconcelos, Brito Camacho, Azevedo Neves, Sobral Cid e Estevão de Vasconcelos, entre outros.

Foi médico um Chefe de Estado, o Dr. António José de Almeida.

Para síntese e fecho condigno, há a referir entre os médicos portugueses e lisboetas, Pedro Hispano ou Pedro Julião, nascido à volta de 1210 em Lisboa, na minha freguesia natal, S. Julião, filho de médico já. Teólogo, médico, formado em filosofia em Montpellier, escritor didáctico sobre medicina, espírito ilustrado e desempoeirado, proscurendo os cânticos da superstição, prescreve e ensina nos seus livros. Pároco em Mafra, tesoureiro mór no Pôrto, Dom Prior em Guimarães, Deão em Lisboa, foi em 1276 o Papa João XXI. Foi símbolo de profundo saber e grande benemerência. Tão grande que teve por cantores Dante e Afonso, o Sábio, e por cliente póstumo Miguel Angelo, que no seu «Tesouro dos Pobres» encontrou a cura para o seu mal de olhos adquirido na decoração pintoreal da Capela Sixtina.

Morreu de desastre em 1277 e jaz em Viterbo, onde em 1886, Saldanha, então nosso embaixador na Santa Sé, lhe fez erigir um pequeno monumento funerário.

De tudo temos tido, desde os heróis mártires das aldeias, caídos no exercício do seu labor profissional, até um Papa célebre numa época notável.

Incumbiram-me, porém, para cicerone, não para evocador. Sê-lo hei carinhosamente. Aqui fiz o meu curso, aqui vivi as horas acidentadas de 1919, na defesa das prerogativas universitárias, alvorecer incontestado da época de renascimento actual, aqui fui nessa época sucessivamente presidente da Associação Académica que em breve iremos visitar, representante dos alunos desta Escola à Assembleia Geral da Universidade e depois seu Assistente na cadeira de Medicina Legal.

Sou desta casa, pois, filho legítimo e saúdoso e sempre respeitador.

* * *

Começou a construção dêste edifício, desarmada que foi a praça de touros aqui existente, sucessora da do Salitre e antecessora da actual no Campo Pequeno. Tinha sido construída a praça em madeira e inaugurada em 3 de Julho de 1831, com a assistência do Senhor D. Miguel e de sua irmã, a infanta Senhora Dona Maria da Assunção. Funcionou até 1889, data da sua demolição, após entusiasticas touradas, esperas de toiros, espectáculos de circo e até ascensões aeronáuticas.

Do actual edifício foram construtores e delineadores, sucessivamente, os engenheiros Cabral Couceiro, Borges de Castro, Arnaut de Meneses e Abecassis, e architectos José Maria Nepomuceno e Leonel Gaia. Terminou a sua construção após estirado tempo, várias peripécias e alguns escândalos, satirizados em jornais e revistas de ano e foi pela primeira vez utilizado em 1906, a quando do XV Congresso Internacional de Medicina, de que foi secretário geral o professor Miguel Bombarda, presidente o Dr. Costa Alemão e tesoureiro o Dr. Alfredo Luiz Lopes.

Para aqui passou o ensino médico em Outubro de 1910, vindo da cerca do Hospital de S. José onde durante muito tempo esteve instalada a Escola Médica, num convento de arrábidos, no local onde é actual-

mente a consulta de estomatologia e as garages do Hospital, e a que se seguia um rico horto botânico, hoje, infelizmente, desaparecido, e que com o título de Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa foi creada por D. Maria II, em 29 de Dezembro de 1886, como sucessora da Régia Escola de Cirurgia, creada por D. João VI em 1825, devido aos esforços do Principal Câmara e do cirurgião Teodoro Ferreira de Aguiar, cujo retrato verão na Secretaria.

Fronteira a êste edificio já existia a estátua ao professor Sousa Martins, inaugurada em 7 de Março de 1904 e da autoria de Costa Mota, tio.

Êste monumento substituiu o anterior de Queiroz Ribeiro, que se prestou a referências picarescas e que tinha sido inaugurado em 7 de Março de 1900. Foi demolido nesse mesmo ano, e o seu modêlo em gesso está na Fundação de Canhões.

Há uma medalha cunhada por essa época, gravada por Carvalho e Silva, sendo o modêlo do anverso de Simões de Almeida, sobrinho.

Em 1904, a quando da inauguração do actual monumento, que representa o Mestre de pé, como preleccionando, tendo na base a figura da Mocidade escutando-o, fez o elogio do falecido médico o Prof. Serrano.

Sete de Março, data que se repete nas homenagens a Sousa Martins, era a data natalícia do falecido Mestre, que nascido em 1845, em Alhandra, lá faleceu em 1897. Durante muito tempo residiu em S. Paulo, num terceiro andar, cuja escada estava quasi sempre pejada de pobres a quem atendia sollicitamente. Por êsse andar, algo alto ter um jardim, a despeito da altura, os seus amigos chamavam-lhe o Jardim de Semiramis. Em Alhandra, onde jaz, existe um pequeno monumento lembrando as datas do seu nascimento e morte.

Façamos a visita segundo as regras de uma boa, orientada e metódica observação propedêutica, como cumpre a quem é diplomado por esta Escola e nela está.

* * *

A fachada é elegante e encimada por um frontão com as armas portuguesas entre palmas, sôbre um janelão saliente que sobrepuja a arcaria da entrada. Entra-se por um largo átrio quadrangular, decorado com mármore de côres variegadas que dá para o claustro e ascende-se



o da Faculdade de Medicina de Lisboa e estátua do Professor Dr. Sousa Martins



Anverso da medalha de Sousa Martins.
Modêlo de Simões d'Almeida (Sobrinho).
Gravura de Carvalho e Silva.
A demolida estátua do Mestre, da autoria de Queiroz Ribeiro.

a esta sala por uma escadaria, exígua talvez, mas rica de decoração, pois tem telas de António Ramalho representando actos operatórios; numa, os Profs. Moreira Júnior e Costa Sacadura assistindo a uma parturiente, noutra, os Profs. Augusto Monjardino e Sacadura e os Drs. Luiz Adão e Sena Pereira, êste já falecido, numa operação. O esboceto dêste quadro encontra-se na sala a seguir, a sala dos júris. Além de medalhões com retratos de mestres também da autoria de Ramalho, são de ver o tecto, do mesmo auctor, e a estátua em mármore «A Ciência», da autoria de Costa Mota, que encima a escadaria.

Dela se passa à sala onde estamos, a dos Actos, por se realisarem aqui os actos grandes e solenes, como sejam as defesas de teses, concursos, conferências, etc.

Nesta sala, em lugar de honra, está o retrato a óleo, em corpo inteiro, de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I, vestindo casaca e ostentando a banda das Três Ordens, o Chefe do Estado a quando da inauguração do edificio, obra de mestre Malhoa, e que um ministro republicano, no início do regimen, médico também, por sinal culto e ilustre, mas desvairado decerto pela época, aconselhou uma vez o seu panejamento (sic). O tecto é uma bela decoração de João Vaz. A' volta um longo friso de Veloso Salgado, representando a Medicina através dos tempos. História pintada da sua evolução, simbòlicamente representada nas suas figuras mais representativas. Belo de côr e de composição.

Ao topo, Esculápio, com seu cajado nodoso e a cobra, símbolos da Medicina e do seu Deus. Seguem-se as escolas da época, com Hipócrates e Pasteur a meio das paredes laterais, Averrois e Galeno, dos lados da presidência. No painel da esquerda, ao fundo, estão retratados médicos portugueses: António de Almeida, o do «Discurso da Arte de Curar», Manuel Constâncio, o professor de Anatomia, Ribeiro Sanches, o médico de Catarina II, da Rússia, Garcia da Orta, o das «Drogas e Simples da Índia», Amato Lusitano, Zacuto Lusitano, Ambrósio Nunes e os recentes Profs. Manuel Bento de Sousa, o auctor da «Parvónia» e do «Dr. Minerva», Câmara Pestana, o insigne bacteriologista e Sousa Martins, de Lisboa, António de Almeida, do Pôrto, e Lourenço da Luz.

Nos restantes painéis vêem-se retratados Roux, o colaborador de

Pasteur, Metchicoff, o das «Cadeias Laterais», Claude Benard, Paré, o da medicina castrense, Harvey, o da circulação, Falopio e Vesale, os anatómicos, Jener, o da vacina, Charcot, o da histeria, Raspail, o apolo-gista da cânfora, e vários outros.

Ao lado, a antiga sala real, hoje dos júris, com o tecto de Malhoa, representando a entrega dos planos desta Escola à cidade de Lisboa e as insígnias das ordens militares portuguesas.

Fora, a sala dos Passos Perdidos, com teto de João Vaz e azulejos de Jorge Colaço. Vê-se D. Amélia inaugurando o Dispensario de Alcântara, Santa Isabel tratando os leprosos, o João Semana, das Pupilas do Senhor Reitor, a medicina castrense, com Ambrósio Pareu curando no campo da batalha e a ciência confundindo e afugentando as superstições. Nesta sala vemos ainda os bustos em bronze de Arantes Pedroso, assinado por Simões de Almeida, e o de Serrano, por Costa Mota. Acidentalmente, é de referir e de ler o discurso, elogio histórico, dêste mestre, feito por Betencourt Raposo a quando da inauguração dêste busto.

Das janelas desta sala sôbre os claustros vêem-se, no superior, o busto em mármore de Miguel Bombarda, da autoria de Costa Mota, inaugurado em outubro de 1925 e oferta do Prof. Francisco Gentil, e no inferior, circundado por lápides contendo os nomes dos mestres que têm pontificado nesta Escola e as datas das várias reformas do ensino, um pequeno monumento ao Prof. Manuel Bento de Sousa, o descobridor do nervo gustativo, que tem o seu nome, da autoria de Teixeira Lopes, inaugurado em 1906.

Neste pavimento onde estamos estão instaladas, à direita, a Biblioteca, Arquivo e Museu, e à esquerda, os laboratórios e museu de Anatomia Patológica.

A Biblioteca, das mais ricas do País em espécies médicas dos séculos XVI e XVII, é vasta, bem instalada e com ampla sala de leitura.

Lá veremos exemplares raros e unicos. O primeiro jornal português de medicina: «O Zodíaco Lusitano», de 1749, o «Zacuto Lusitano»; o primeiro jornal de ciências médicas de Lisboa, depois órgão da sua mais antiga sociedade médica (1835), a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Entre outras, estarão expostas as obras de Garcia da Orta, Amato Lusitano, Bernardo Santucci e António Monravá y Roca,

professores do Hospital de Todos os Santos, o Philonlo de Valasco de Taranto, impresso em Leon, em 1530, o Rodrigo da Fonseca Lusitano, impresso em Roma em 1586, o Tratado Pestilencial de Pernambuco, de João Ferreira da Rosa, a Polyanteia, de Curvo Semedo, o primeiro número da Medicina Contemporânea, fundada pelos Profs. Bombarda, Manuel Bento de Sousa e Sousa Martins em 1883. Tem sido enriquecida por numerosos legados médicos, entre os quais avultam os do Dr. Simão José Fernandes, homenageado com uma lápide na sala da Biblioteca e que além da sua notável livraria legou à Escola o seu coração, que logo veremos no museu de Anatomia Patológica. Foram importantes os legados em livros dos Profs. Lima Leitão, Alvarenga, Sousa Martins e Melo Breyner. Dirige actualmente esta Biblioteca o erudito mestre Prof. Marck Atias, e é seu conservador carinhoso o Sr. Ramiro de Barros e Silva, editor da «Imprensa Médica» e dos «Médicos Portugueses».

No museu anexo à Biblioteca veem-se, além de medalhas, mobiliário da velha Escola, exemplares iconográficos, cartas de curso, material cirúrgico e de observação, variadas e interessantes peças para a história da medicina lisboeta. Refiro com interêsse, as placas em azulejo que serviam para numerar as camas do Hospital de José, e entre as medalhas, a da febre amarela, instituída pela Câmara Municipal de Lisboa, a do primeiro monumento a Sousa Martins e a mandada cunhar em sua honra por Casimiro José de Lima, que também lhe editou um «In Memoriam».

Do XV Congresso Internacional de Medicina, há no museu as medalhas e os respectivos cunhos, além de vários objectos que serviram por essa ocasião. A secretária que serviu ao Prof. Bombarda, seu secretário geral, está hoje no gabinete do Professor de Histologia, o ilustre Director desta Faculdade.

Ainda neste pavimento há a Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa, fundada em 1910 por um grupo de alunos de que me recordam os Drs. Romão de la Faria e Rita Martins. Viveu alguns anos sem sede própria, mas em 1915, o Prof. F. Gentil, então director da Faculdade, cedeu as salas da sua sede actual. Recordo, por os ter vivido, os trabalhos realizados com os colegas Drs. Ferreira da Costa, João Malato, João Camoezas, Lopes de Andrade, Leite Duarte e outros,

para a instalar e mobilar. Foi da minha autoria o início da sua biblioteca de clássicos, contemporâneos e historiadores, e até o risco da sua primeira estante; na sua gerência ascendi, desde vogal do Conselho Fiscal até seu Presidente, e recorro até ter instituído no seu regimen estatutário o regimen presidencialista; a Assembleia Geral só elegia o presidente da direcção que, por sua vez, escolhia livremente os seus colaboradores. Teve então forte acção junto das instâncias superiores e ainda hoje tem forte vitalidade, editando e publicando uma revista médica «Medicina». Tiveram fama as suas touradas de beneficência e as récitas de despedida satirizando a vida da Escola, e cujo produto revertia, como ainda hoje, para fins beneficentes: bolsas de estudo e para a Associação dos Estudantes Pobres do Sexo Masculino. E' seu actual vice-presidente o quartanista sr. Jaime Cabral e secretario o terceiranista sr. Alvaro J. Leote de Ataíde.

No Museu de Anatomia Patológica, da direcção do illustre lisboeta e querido amigo de Lisboa, o Prof. Henrique Parreira, verão espécimens raros de vários casos teratológicos e patológicos, sendo de ver um «situs inversus» completo, ou seja um torax e abdomen, em que as vísceras estão completamente trocadas, estando à direita o coração e o baço, e à esquerda o fígado.

No pavimento térreo, por onde se desce por duas escadas laterais e interiores, estão os anfiteatros, um de cada lado. A' esquerda, o do Instituto de Farmacologia, com museu e herbário anexo sob a direcção dos Profs. Toscano Rico e Gomes da Costa. Aqui realisou numerosas pesquisas e estudos o Prof. Sílvio Rebêlo sôbre farmacotecnia, lembrando-me os interessantes estudos para o diagnóstico de certeza da morte, usando cordeis impregnados com substâncias còradas que viravam, como nas análises, isto é, mudavam de côr em contacto com ácidos ou alcalinos.

A seguir, a sala do Conselho, ampla e espaçosa, onde se vê o modêlo em gesso da actual estátua de Sousa Martins, e quatro quadros a óleo, de Columbano, representando os professores coevos da edificação dêste edificio. Num topo, Eduardo Mota, Sabino Coelho, Oliveira Feijão, May Figueira e Ricardo Jorge; no outro, Salazar de Sousa, Augusto de Vasconcelos, Francisco Gentil e José Gentil. Na parede lateral, num: Curry Cabral, Miguel Bombarda, Silva Amado, Ferraz de



to da Sala dos Juris. Quadro de Malhoa.
ntrega dos planos da Escola à cidade de Lisboa.



Sala dos Actos. Quadro da Medicina Portuguesa, de Veloso Salgado.
No primeiro plano: António Almeida (Lisboa); Manuel Constâncio; Ribeiro Sanches;
Garcia da Orta; Amato Luzitano; Zacuto Luzitano e Ambrósio Nunes.
No segundo plano: Manuel Bento de Sousa; Câmara Pestana; Sousa Martins;
António Almeida (Pôrto) e Lourenço da Luz.

Macedo e B. Pitta. No outro, Moreira Júnior, Alfredo da Costa, Betencourt Raposo, Belo de Moraes, Carlos Tavares e Custódio Cabeça. A seguir, o gabinete do director da Faculdade e do secretário, que é actualmente o Prof. T. Rico, onde são de admirar os retratos de médicos vários e antigos professores, entre os quais Câmara Pestana, Manuel Bento de Sousa, Betencourt Raposo e o do conselheiro António Cândido, o grande orador sagrado e parlamentar, que foi o ministro que deu o impulso e promulgou os decretos para a construção deste edifício. E' chefe da Secretaria e tesoureiro o sr. Artur Morgado, meu condiscípulo no liceu, filho e neto dos velhos preparadores de anatomia Morgados, o último dos quais ainda conheci.

Do lado de lá do claustro os Institutos de Histologia e Embriologia, da direcção dos Profs. Celestino da Costa e Roberto Chaves, cujos laboratórios visitaremos, e o de Fisiologia, da direcção dos Profs. Marck Atias, Ferreira de Mira, director do Instituto Rocha Cabral e Joaquim Fontes, também illustre amigo de Lisboa e culto arqueólogo cultor da pre-história.

No pavimento inferior, onde se desce por uma escadaria bem lançada em três lanços, dos quais o do meio suspenso, o Instituto de Anatomia, hoje ocupando tôdas as construções e onde em parte esteve instalada a antiga Escola de Farmácia.

Museu, rica biblioteca da especialidade, anfiteatro, laboratórios e o teatro anatómico, a conhecida sala dos cortes. Dirige-o proficientemente o Prof. Henrique de Vilhena, antigo presidente da Câmara Municipal de Lisboa e também lisboeta de nascimento, que nos dará a honra, tanto de agradecer, de pessoalmente nos receber e guiar na nossa visita, às instalações da sua direcção, que timbra em ser simultaneamente erudita e artística. Trabalham no Instituto de Anatomia os artistas Helena Bourbon e Meneses e Saavedra Machado.

Lá conheci ainda o velho creado galego, o Garcia, que se diz fabricava óleo humano contra a queda do cabelo, e que num cubículo da Escola Velha exerceu medicina e cirurgia para os seus amigos e que declarava não acreditar em micróbios, porque os únicos que conhecia eram as larvas de mosca, porque as podia ver.

Na esplanada anexa, os alojamentos dos animais de experiência

com uma saída para o Hospital de S. José e outra que devem usar para a Rua Manuel Bento de Sousa, ao lado da Morgue.

Nos laboratórios, a melhor, mais moderna e eficiente aparelhagem e material de estudo, aparelhos de projecção, micrótomos de congelação, microscópios, etc. Todos têm biblioteca privativa, da especialidade.

Da janela desta sala vê-se, num limitado horisonte, o jardim do Campo dos Mártires da Pátria, antigo Campo de Santa Ana; ao fundo, a antiga Carreira dos Cavalos, hoje Rua Gomes Freire; à direita, o Instituto Central de Higiene Dr. Ricardo Jorge, a embocadura do Paço da Rainha, hoje Largo General Pereira de Eça, onde é a Bemposta, que breve visitaremos e o largo do Mitelo onde, à esquina do Palácio da Condessa de Pomares, foi a célebre botica da Peça. A botica transferiu-se mais cima, mas a Peça ainda hoje lá se vê. A' esquerda, o Palácio Patriarcal, onde foi a Legação da Alemanha e a seguir a Faculdade de Direito, onde foi o Palácio Valmor. Para lá, nas trazeiras dêstes, Santo António dos Capuchos, antigo asilo, hoje hospital, o Convento de S. Bernardino, hoje alojamento do pessoal hospitalar e, mais longe, os hospitais de Rilhafoles e Santa Marta, êste último, Hospital Escolar anexo à Faculdade, onde funcionam as Clínicas.

Nos terrenos onde foi o mercado, daqui desaparecido a quando da visita do Imperador da Alemanha, Guilherme II, e transferido para a Avenida 24 de Julho, e onde foi também a Feira da Ladra, vinda do Passeio Público em 1833, lá regressada em 1834 e que para aqui voltou entre 1834 e 1835, até ser em 1882 transferida para o Campo de Santa Clara, vê-se hoje o actual jardim, com lindas flores e belas magnólias, sendo as árvores do alto, no topo, de propecta antigüidade. Foi sempre bem povoado êste local. Nele moraram José de Figueiredo, a quem os «Amigos do Museu» homenagearam na casa onde viveu, cêrca do local onde foi uma esquadra de polícia; Barros Queiroz, Augusto José da Cunha, os Profs. Silva Amado, Câmara Pestana, Ricardo Jorge, Azevedo Neves, Marck Atias, e ainda hoje o Prof. Sacadura e o nosso presidente da assembleia geral, Dr. Levy Marques da Costa.

Da janela lateral da Biblioteca verão o palácio Silva Amado, que na entrada do lado da travessa do Torel tem um interessante quadro de azulejo representando Nossa Senhora da Atalaia, onde hoje é o Ministê-

rio da Educação Nacional e onde havia uma lápide comemorando a execução dos mártires da Pátria em 18 de Outubro de 1817 e que deram nome ao local. Diz-se terem os habitantes fechado as janelas e abandonado suas casas para não assistirem à execução.

No cunhal da Travessa do Torel para a Rua do Instituto Bacteriológico, o resto do antigo convento de Santa Ana, hoje recolhimento de menores, onde então terminava o Campo de Santa Ana; a seguir, o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, construído devido à pertinácia da Rainha Senhora D. Amélia, como ainda há pouco foi acentuado interessantemente por Leitão de Barros na sua recente entrevista. Guarda êste notável estabelecimento científico duas telas, uma de Veloso Salgado, representando a Rainha e outra de Galhardo, representando Câmara Pestana. Estão ambas na sala da Biblioteca. O Instituto ocupa desde 1900 o local da igreja e parte do convento que os com mais de sessenta anos ainda conheceram com duas tórres junto ao tópo da Calçada de Santa Ana, fazendo-se a entrada para a Igreja por uma porta lateral sob um arco, defronte da entrada dos touros da velha Praça. No local dessa porta existe uma lápide recordando terem lá estado os ossos do nosso Épico, que se diz, ter mais abaixo, passado à paroquial da Pena, falecido numa casa lá assinalada. As ruas transversais dão passagem para o antigo pátio do Torel, cuja entrada ainda conheci no prédio contíguo ao do actual Ministério.

O pátio foi últimamente pertença dos meus parentes Andrades, de que um, Júlio de Andrade, legou parte da sua fortuna à Sociedade Protectora dos Animais, mandando construir em Lisboa bebedouros e abrigos como o do Corpo Santo, hoje demolido, para animais de tiro, o que lhe mereceu chamar-se Júlio de Andrade uma das ruas do local; outro, o architecto Alfredo de Andrade, falecido em Itália, fez construir o artístico palacete tipo renascença italiana, que sobrepuja a calçada do Lavra e é visinho do local onde residiu o falecido Prof. Custódio Cabeça. Das senhoras, D. Mariana casou com o benemérito capitalista Conde de Castro Guimarães, o editor das «Crónicas», e residiu no palácio onde hoje está a Polícia de Investigação Criminal e em cujo jardim, hoje público, se vêem os portões, as estatuetas e o lago do palácio Folgosa, da Rua da Palma. Na antiga capela é hoje o Tribunal dos Pequenos Delitos. Ainda lá residem hoje, em palacetes próprios,

descendentes ilustres entregues a tarefas benemerentes; as filhas de outra irmã, D. Guilhermina, já falecida. A terceira, D. Emília, Oneil por casamento, faleceu também já, no seu palacete da rua Vitor Cordon.

Das janelas posteriores verão as sempre lindas perspectivas de Lisboa. Aos nossos pés o Hospital de S. José, há pouco tão eruditamente evocado na sua história pelo nosso ilustre colega e confrade Dr. Alberto Mac Bride. Ao longe, o Castelo, a Graça, o Monte e o Tejo sempre abraçando tudo. Da janela da Sala do Conselho, lá para baixo, vê-se o antigo Hospital dos Leprosos, S. Lázaro, hoje Maternidade Magalhães Coutinho, sob a proficiente direcção do Prof. Sacadura e até onde se estendia a Feira da Ladra que ia até à esquina da Travessa do Hospital, ao fim da qual é a conhecida Porta do Carro, por onde saía a tumba com os mortos do hospital e que tem na parte exterior, por cima, um lindo painel de azulejos. Aqui ao pé, o Instituto de Medicina Legal, moderno e bem apetrechado, com rico Museu e Biblioteca, da direcção ilustre do actual reitor da Universidade Técnica, Prof. Azevedo Neves, de quem já tive a honra, que gostosamente recordo, de ser Assistente. No exterior do edificio são de admirar, dum lado e do outro, os medalhões em mármore, de Moreira Rato, representando médicos célebres. Por ordem, começando da fachada para o fundo, são do lado da rua do Instituto Bacteriológico: António da Cruz, lisbonense (século xvii), António de Almeida, o cirurgião erudito, António Gomes Lourenço, Lourenço da Luz, Bernardino António Gomes (pai), o descobridor da quinina, professor ilustre e médico da marinha, que tem um monumento defronte do respectivo hospital, na praça que tem o seu nome, em Santa Clara, e outro no Jardim Botânico da Faculdade de Ciências, antiga Escola Politécnica, onde também há um busto de seu filho, do mesmo nome, que também foi professor desta Escola (1806-1877) e Joaquim Sant'Ana. Do lado da rua Manuel Bento de Sousa, e pela mesma ordem, Manuel Constâncio, Monravá y Roca, Bernardo Santucci, os professores de anatomia do século xviii, António Ferreira, do século xvii, autor da «Luz Verdadeira e recopilado exame de tôda a Cirurgia» e que foi cirurgião de D. Pedro II, António Guevara, do século xvi, e Pedro Dufau. Ao todo dôze, seis de cada lado.

Nesta Escola têm-se realizado vários e notáveis Congressos Médicos desde a sua inauguração em 1906, o já referido XV Congresso Internacional de Medicina até ao último, ainda há pouco, o dos Acidentes do Trabalho. São de referir o III Congresso Nacional de Medicina, em 1928, o de Hidrologia, em 1929, e o do Estudo Médico do Vinho e da Uva, neste ano, além da reunião dos Anatomistas e das festas e exposições de arte retrospectiva, entre as quais avultam as do Centenário da Régia Escola de Cirurgia, em 1925.

Sobre o edificio, há dispersos pelos jornais e revistas, entre as quais a «Medicina Contemporânea» e «Médicos Portugueses», várias notas e artigos, sendo de ler, entre outros, um do Prof. Celestino da Costa na «Medicina Contemporânea» e um opúsculo em francês, illustrado, do mesmo auctor.

Iconograficamente, existem, além de várias fotografias avulso, postais editados por várias casas, pelos Laboratórios Sanitas e pelo Instituto Pasteur, de Lisboa, referindo cenas do interior. Cedidas obsequiosamente pela viúva do falecido engenheiro Arnaut de Meneses, podem V. Ex.^{as} ver fotografias ampliadas dos quadros desta sala.

Em medalhas, há as relativas a Bombarda, Sousa Martins, Congresso de 1906 e primeiro centenário da Régia Escola.

Com os nomes de professores e médicos notáveis há na toponímia lisboeta, que me recorde de momento, além da já referida Praça Bernardino António Gomes, a Santa Clara, as ruas Arantes Pedroso, antiga da Inveja; Manuel Bento de Sousa, aqui ao lado, antiga Calçada Nova de Santa Ana; José António Serrano, junto ao Hospital de S. José, antiga Calçada do Colégio; Câmara Pestana, por detrás do Instituto do seu nome, antiga Travessa do Convento de Sant'Ana; Sousa Martins, a S. Sebastião; Dr. Gregório Fernandes, em Bemfica; Gonçalves Crespo, no Bairro Camões; Leão de Oliveira, em Alcântara; Ribeiro Sanches, a Santos; Garcia da Orta, antiga rua da Santíssima Trindade; Castelo Branco Saraiva, a S. Paulo, Zófimo Pedroso, no Beato, Miguel Bombarda, às avenidas novas, António José d'Almeida, a Arroios e Dr. Estêvão de Vasconcelos, em Braço de Prata.

Está terminada a parte oral. Vai seguir-se a parte prática — a visita — decerto bem mais interessante do que a primeira, produto quasi exclusivo de memória, feita nos intervalos das obrigações profissionais.

Dou graças a Deus por ter chegado ao fim sem V. Ex.^{as} se zangarem, o que devo exclusivamente à vossa benevolência.

Por me terem ouvido, a tôdas V. Ex.^{as}, muito obrigado.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — Anuário da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.
- 2 — Anuário da Universidade de Lisboa.
- 3 — O Dr. Bernardino António Gomes. V. Machado, Lisboa, 1925.
- 4 — Discurso sôbre a arte de curar. António de Almeida. Red. 1925.
- 5 — La Faculté de Medicine de Lisbonne. Celestino da Costa. 1935.
- 6 — Os grandes vultos da clínica hospitalar. Prof. Costa Sacadura. Lx.^a, 1957.
- 7 — Guia de Portugal. Raúl Proença. Lisboa.
- 8 — Guia de Portugal Artístico. A. Ramalho. Lisboa.
- 9 — Imprensa Médica. Lisboa, 1936-1938.
- 10 — In Memoriam Sousa Martins. Lisboa, 1904.
- 11 — Jornal da Sociedade de Ciências Médicas. Lisboa, 1885-1938.
- 12 — Lisboa Antiga. J. Castilho. Red. 1938. Câmara Municipal de Lisboa.
- 13 — Literatura Portuguesa. Mendes dos Remédios. 1908.
- 14 — Mapa de Portugal. João Batista de Castro. 1747.
- 15 — Medicina Contemporânea. 1885-1938.
- 16 — Monumentos Sacros. Gonzaga Pereira.
- 17 — Monumentos Sacros de Lisboa. Sebastião Joaquim Baçam. Lisboa, 1910.
- 18 — Osteologia humana. J. Serrano. Lisboa, 1895.
- 19 — O Papa João. J. Egas Moniz. Lisboa, 1930.
- 20 — Peregrinações em Lisboa. Norberto de Araújo. Tomo IV. Lisboa, 1938.
- 21 — Portugal Antigo e Moderno. Pinho Leal. Tomo IV. Lisboa, 1874.
- 22 — Roteiro de Lisboa. 1880.
- 23 — Idem, Pacheco, 3.^a edição. 1926.
- 24 — Idem, 1933.
- 25 — Ruas de Lisboa. J. J. Gomes de Brito. Red. 1935.
- 26 — Touros. José Pedro do Carmo. Lisboa, 1926.

COMO O ARTISTA LISBOETA
ALFREDO DE ANDRADE, ENTÃO JOVEM,
ENCARAVA ALGUNS PROBLEMAS DE
EDILÍCIA CITADINA EM 1857

POR RUY DE ANDRADE

EM 1857, meu pai, Alfredo César de Andrade, voltava de Itália para Lisboa.

Tinha então 18 anos, tendo nascido em Lisboa em Agosto (26) de 1839, e estava fresco dos estudos de pintura, decoração e arquitectura que desde 1854 fazia na Academia de Belas Artes, de Génova.

A sua formação era absolutamente clássica, pois os professores da Academia, já velhos então, derivavam a sua formação artística do período de renovação imperial napoleónica, muito forte em Itália, tanto pela influência canoviana como pela influência austríaca, que ia evoluicionando com atraso fora de França.

Vejo por alguns desenhos de meu pai dessa época, que o efeito de tal ensino foi profundo, porque as soluções que êle estudou para vários casos da Lisboa daquele tempo são tôdas dêsse estilo clássico, estilo cuja manifestação mais importante foi o Teatro D. Maria, desenhado por Fortunato Lodi, de Lucca, Itália.

Permitam-me que apresente hoje cinco estudos daquela época. São fruto da imaginação de estudante de um rapaz de 18 anos e no desenho, sêco e magro, mal se descortina a virtuosidade que poucos anos depois se desenvolveria.

Uns procuram resolver a passagem do lado do mar ao longo do Arsenal e do Terreiro do Paço de uma avenida marginal, com ampliação da mesma praça.

Outros dois o acabamento, no alto, da futura Avenida da Liberdade, da qual, certamente, já se falava nesse tempo.

O último é o desenho de concurso ao monumento de D. Pedro IV, no Rocio, este de data um pouco posterior.

Não publico hoje estes desenhos como obra prima artística, mas simplesmente como nota curiosa das necessidades já urgentes naquele tempo, de resolver o trânsito da Rua do Arsenal e de como meu pai as encarava e resolvia, procurando ainda a ampliação dos ministérios com um aumento descentrado dos corpos avançados para não prejudicar a estética do monumental e perfeito Terreiro do Paço.

Para a Avenida da Liberdade êle queria um fundo architectónico grandioso que formasse como que um cenário no alto do local que depois foi o actual Parque Eduardo VII e provavelmente debaixo da grande arcaria monumental que êle idealizou passaria o prolongamento da Avenida.

Curiosa foi depois a solução Penitenciária em estilo engenheiral-militar da segunda metade do século XIX, de gosto horrível e inoportunidade flagrante.

É mais de notar que alguns estudos modernos que vi na Câmara Municipal de Lisboa, tornam a um projecto de peristilo clássico, modernizado, mas semelhante ao de meu pai de há 80 anos.

O projecto do monumento a D. Pedro IV é clássico e inspirado nas colunas Trajana e Antonina e mais na Napoleónica Canoviana, da Praça Vendôme.

Creio que meu pai, na sua inspiração, não quiz com um estilo moderno discordar da fachada lateral do Teatro D. Maria e escolheu uma forma absolutamente clássica, um pouco magra, talvez, mas perfeita.

Foi preferida a actual coluna de Davioud, francês, que já se inspirava na arte mais moderna do tempo de Napoleão III.

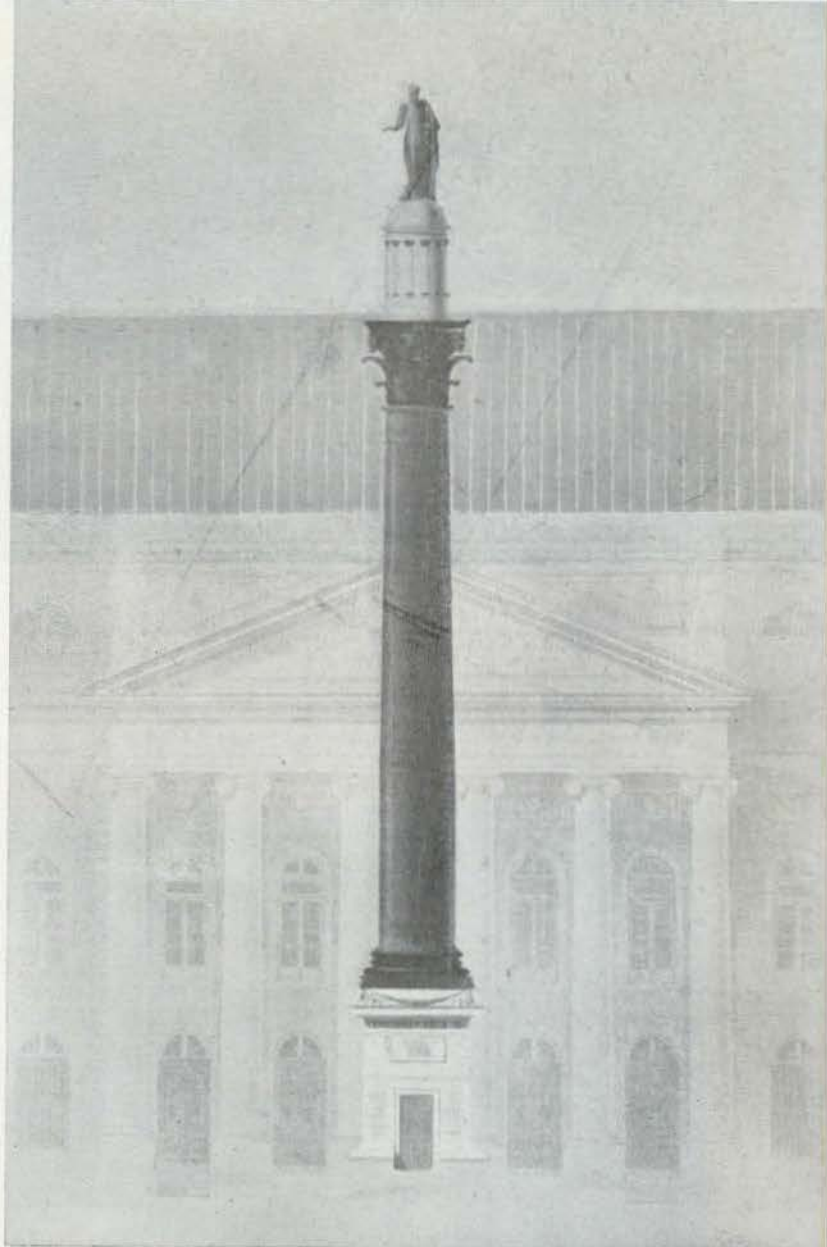
Como digo ao princípio, os desenhos não são comparáveis com a forma que meu pai mais tarde atingiu. Quatro são desenhos de uma creança.

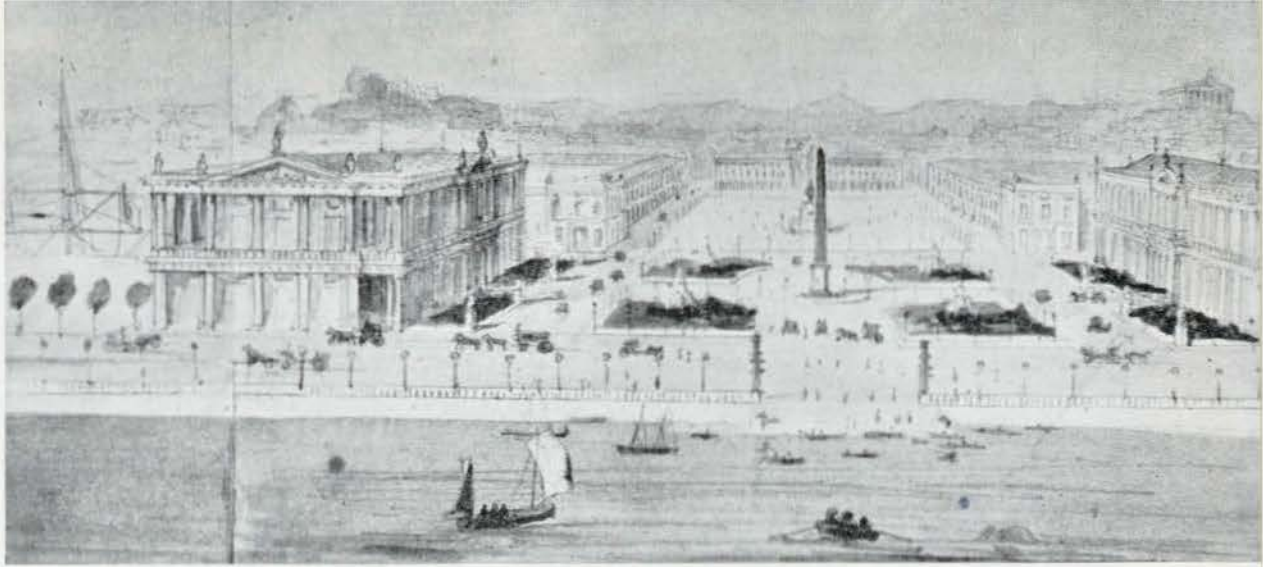
O que os torna interessantes é que encaram um problema que não está resolvido ainda 80 anos depois, e para o qual se propõe a solução vista por êle há tantos anos, quasi um século passado.

Novembro, 1938,

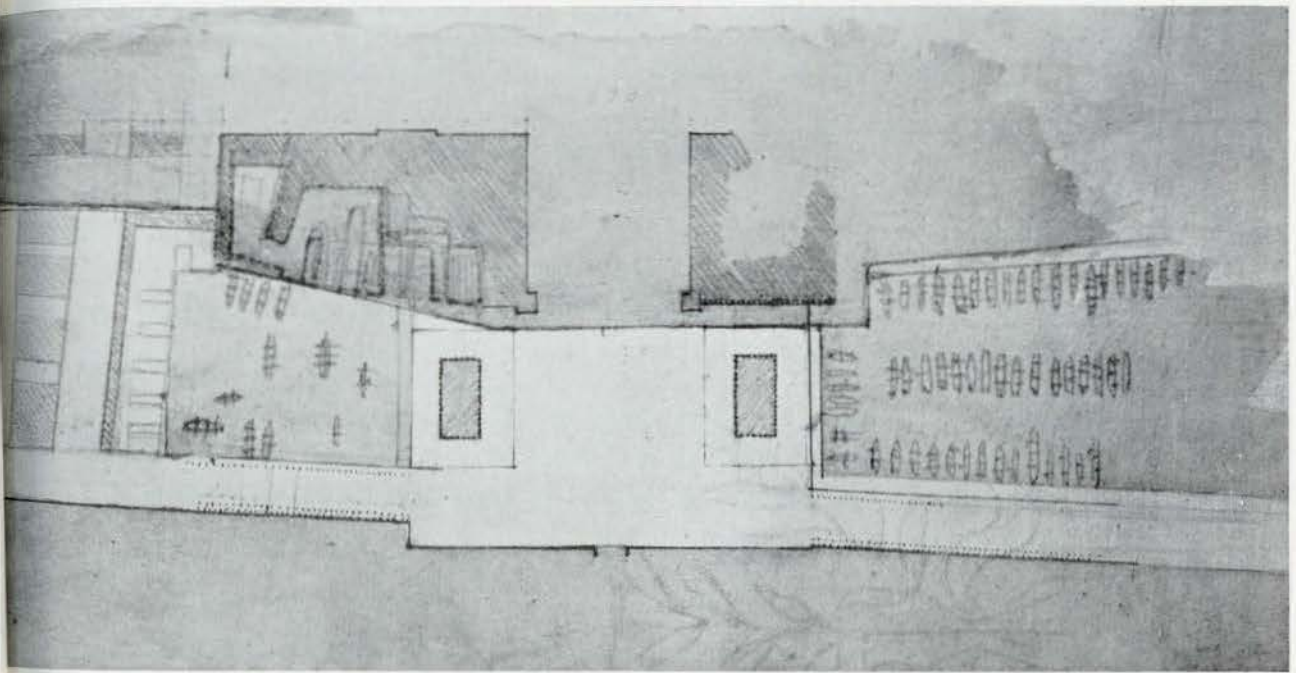


em cima: Auto-retrato de Alfredo
Esar de Andrade aos dezoito anos.
à direita: Projecto do monumento a
Pedro IV. *Em baixo:* Projecto para
o términus duma avenida.



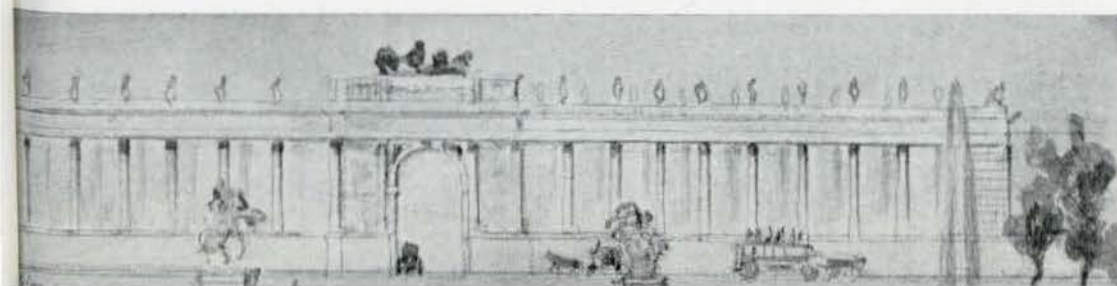


Projecto de amplificação do Terreiro do Paço e avenida marginal – Alçado



O mesmo projecto — Planta

Outro projecto para o términus duma avenida



A IGREJA E O SÍTIO DE SANTO ESTÊVÃO DE ALFAMA

Conferência realizada na Igreja de Santo Estêvão de Lisboa, em
20 de Novembro de 1938, em visita do Grupo «Amigos de Lisboa»

POR SIDÓNIO MIGUEL

Não me convidaram para dirigir esta visita.

Fui eu a oferecer-me ao ilustre Secretário Geral da Junta Directiva do nosso Grupo para acompanhar V. Ex.^{as} numa romagem a esta igreja do Protomártir do Cristianismo, ao seu adro, à ermida de Nossa Senhora dos Remédios ou do Santo Espírito, porventura a algumas destas ruelas e becos duma área de confuso casario que desce de S. Vicente ao Tejo e constitue, com S. Miguel e parte de S. João da Praça, o mais característico do bairro de Alfama.

Donde êste atrevimento a pessoa julgada tímida e misantropa?

Pois nasceu duma conferência do Ex.^{mo} Sr. Norberto de Araújo, a que assisti no verão passado. Não carece S. Ex.^a dos meus elogios, mas deve dizer-se que foi felicíssimo no interesse que despertou à popular assistência, falando-lhe do Bairro Alto. Misturado com ela, eu entretive-me a observar a curiosidade e o amor do povinho de Lisboa pelas cousas da sua terra. Disse então S. Ex.^a que entre as criaturas prèga-

doras das excelências de Lisboa havia os investigadores e os vulgarizadores, que pitorescamente chamou descobridores e colonizadores.

E eu senti-me então a meu modo uma espécie de colonizador. Porque a verdade é que há muitos anos sou um dêsses enamorados da nossa Lisboa velha e não perco a ocasião de mostrar a amigos e conhecidos uma ou outra das cidadinas belezas, visíveis ou adivinhadas, que nos recreiam a vista, ou aquecem a imaginação. E, sócio dêste nosso Grupo, ofereci-me para acompanhar alguma visita nossa a sítio meu conhecido e amado. Coube-me Santo Estevão e aqui me têm V. Ex.^{as} a usurpar o lugar dum Mestre de assuntos olisiponenses, dos numerosos que felizmente conta o nosso Grupo.

E' isto, sem dúvida, atrevimento. Só peço que me acreditem não foi vaidade, a qual seria certamente pueril. E' fraco orador o que não dispensa na oração o manejo dumas tantas folhas de papel. Fraquíssimo investigador o que apenas conta o que V. Ex.^{as} próprios já conhecem da leitura do padre João Baptista de Castro, Pinho Leal, Júlio de Castilho, etc., e fica mais em dúvidas que em conclusões sôbre os vários pontos escuros da história da igreja e do sítio, que não são poucos.

Sem vaidade, atrevidamente, aqui estou com o entusiasmo, que ponho em tôdas as minhas cousas, a tentar V. Ex.^{as} a uma visita com olhos de amor — olhos de amor, atentem bem — que devem perdoar comigo, se de perdão carece, êste presente pelo seu passado; o que houver de feio e mesquinho pelo que podemos imaginar foi bonito e grande.

Êsse entusiasmo me justifica intimamente. Saiba eu fazer perdoar-me por êle as minhas deficiências.

Mas não desanimemos. No canto da terra que supomos nossa todos nos sentimos cicerones. Afigura-se-me por sinal que estou recebendo V. Ex.^{as} num ângulo risonho que não deixa de ser meu, porque nêle vivi até aos doze anos, e estou portanto falando a V. Ex.^{as} na parte da nossa Lisboa que chamo «a minha terra». Nasci na Adiça, baptizei-me, fiz a minha primeira comunhão em S. João da Praça. Ia à missa a S. João da Praça, a S. Miguel, depois vinha a Santo Estevão, quando me mudaram para casa aqui perto de nós. Aqui vinha à catequese das Doroteias, ia às devoções vespertinas do Salvador, que a intolerância destruiu, às noyenças nocturnas do Menino Deus, hoje tão abandonado à

miséria das igrelas profanadas. Vi nestas vizinhanças as saídas e entradas dos círios da Atalaia, que também iam de S. Miguel e do Salvador, em dias diferentes do dos outros círios da capital, e mantinham entre si simpáticas emulações de pompa e aparato. Andei por aqui de capa vestida nas modestas procissões do Viático aos moribundos.

Na minha casa havia ordem para que, quando não estivesse o meu pai, que neste sítio adoeceu da sua primeira e última doença, eu acudisse ao toque dos sinos para a saída do Senhor. E eu representava orgulhosamente o meu progenitor nesses religiosos cortejos. Lembro-me sobretudo dum deles, em que fomos levar a Sagrada Eucaristia e a Extrema Unção a uma pobre rapariga aqui num primeiro andar em frente dos muros do adro. Estou a vê-la. O nosso prior, depois do latim dos livros, falava-lhe muito piedosamente da Vida Eterna. E olhar, espreitar, na casa cheia de gente chorosa, essa rapariga, muito branca, no seu leito de morte, de olhar mais celestial que terreno, de mãos muito postas, de bôca semi-aberta para o seu último Sacramento, fazia pena, imensa pena. A mim então, que tanto mêdo tinha de morrer...

Sinto-me quási pre-histórico, quando lembro estas cousas.

* * *

Estamos na igreja. O orago, o dono da casa, é Santo Estevão.

Noutros tempos, nos anteriores à irreligião do século passado, nos quais os róis de confessados davam a informação segura das pessoas moradoras em cada freguesia, tôda a gente conhecia a vida dos Santos. Identificava-os fácilmente pela dalmática ou pelo hábito, pela mitra, por uma cruz, por uma palma, um livro, uma espada, uma águia ou um leão. Sabia-lhes as idades e as feições, distinguia-os pela barba ou pelo glabro do rosto. Seria então impertinente começar a parte informativa duma visita como esta por qualquer esbôço de biografia dum Santo.

Não é assim hoje. Os róis de confessados acusam menos nomes de cumpridores da desobriga que outrora de refractários a êsse dever. (A frase não é minha, é do empregado da igreja que hoje nos acompanha e por algumas tardes me prestou valiosos informes nas minhas visitas a êste templo). Hoje conhecem-se menos as vidas dos Santos que as das estrêlas do cinema e azes do sport. Por isso eu vou dizer algumas

palavras desta figura dos primeiros tempos do Cristianismo, que teve a glória de ficar no Martirológio da Igreja como o seu primeiro Mártir.

Era homem cheio do Espírito Santo, a-pesar-de não haver conhecido a Cristo, nem lhe haver metido as mãos nas chagas como Tomé, e portanto um daqueles felizes que acreditavam sem ver.

Fazia milagres e os homens das sinagogas pretendiam disputar com êle. Mas, não podendo resistir-lhe, subornaram uns tantos que dissessem que Estêvão blasfemava. Assim o levaram ao Sinedrim, onde o Conselho dos Juizes lhe viu o rosto iluminado como o dum anjo.

Interrogado, fez a história de todo o Povo que fôra o Eleito desde Abraham, Isaac e Jacob, a David e a Salomão que edificou o Templo. Mas o grande Templo do Excelso não era o fabricado pelos homens. Era o céu o trono de Deus, a terra escabelo dos divinos pés.

Então a acusação degenerou em execução de sentença sumária. Arrastaram-no para fora da cidade, apedrejaram-no. E Estêvão não sentia as pedradas que o feriam e desfiguravam. Orava ensanguentado:

— «Senhor, não lhes imputes êste pecado» . . .

Não ignoram V. Ex.^{as} que, na linguagem popular, as pedras ficaram sendo as «armas de Santo Estêvão».

E', pois, natural que o culto do Protomártir tivesse sido vivíssimo em tôda a comunidade cristã nos séculos de perseguição que o seguiram, nos de paz que vieram trezentos anos depois. Entre nós, por tôda a Idade Média, em período mais moderno, era sem dúvida maior que o de hoje. Encontramos velhas igrejas sob a sua invocação, não apenas em Lisboa, mas, por exemplo, em Santarém (a igreja que vulgarmente se chama do Milagre), em Leiria, hoje profanada, e em Beja. Na província temos ainda, entre outros, um Santo Estêvão de Extremoz, de Tavira, do Sabugal, de Benavente; em Louzada o Santo Estêvão de Barrosas, em Barcelos o de Bastuço, em Chaves o de Faiões, em Mafra o das Galés e mais longe, em Gôa, o Santo Estêvão de Rates. Há ainda lugares, com o nome de Protomártir, na Arrifana da Feira, nas Cachoeiras de Vila Franca de Xira, em Gião de Vila do Conde, em Santa Eufêmia de Penela, em Santa Marta de Penaguião, em Silves, etc.

Aqui em Lisboa o culto de Santo Estêvão veio afrouxando certamente.

Sucederam-lhe devoções mais calorosas a S. Vicente, que se fez-

tejou até 1910 como o padroeiro de Lisboa e do Algarve; a Santo António, nosso patrício, aliás só agora elevado a orago duma das freguesias de Lisboa; a S. Sebastião, o advogado contra as pestes; a S. Marçal, advogado contra os fogos; a S. Francisco de Sales, advogado contra os terremotos; ao Senhor dos Passos, à Senhora da Saúde, a S. Roque, etc. No único ano da *Gazeta de Lisboa*, que tive oportunidade de consultar, referente a 1741, encontrei, por exemplo, muitas visitas das reais pessoas da côrte de D. João V aos monges de S. Jerónimo, em Belém; à Senhora das Necessidades; à casa de S. Roque; ao Noviciado da Companhia, onde hoje está a Escola Politécnica; a S. Julião; a S. Bento, onde vemos o Palácio da Assembleia Nacional; a S. Joaquim, ao Calvário, onde há hoje, creio eu, uma esquadra de polícia; ao Bom Sucesso; ao Espírito Santo do Oratório, onde se ostentam os Grandes Armazéns do Chiado; a S. Pedro de Alfama, que passou para Alcântara; ao Loreto, ao Livramento, a Carnide, etc., nenhuma a Santo Estêvão. Naquele ano de 1741, nem sequer aqui veio Sua Magestade a Rainha ou algum dos infantes no próprio dia do Santo, que é, como V. Ex.^{as} sabem, o 26 de Dezembro, êsse dia ainda festejado pelos pobres, porque é a seguir ao Natal e lhes rende os sobejos dos ricos, ou o primeiro da desilusão da suficiêcia que, uma vez por ano, em festa de Natal, ilude o indigente.

Dalgumas relíquias de Santo Estêvão se orgulhou Portugal, se devemos dar crédito a João Baptista de Castro que nos cita, além duma aqui existente no seu tempo, dentro duma âmbula de prata dourada, uma parte da dalmática e uma das pedras do apedrejamento, guardadas também então em Santo Eloi, ali aos Loios, onde, V. Ex.^{as} sabem, existiu o convento citado por Herculano no *Monge de Cistér*, ponto de reunião dum dos três braços das nossas velhas côrtes e local—convém começar a lembrar—onde foi assinado o tratado, pelo qual o rei de Castela, filho de Felipe IV, renunciou à corôa de Portugal e reconheceu a soberania portuguesa da casa de Bragança.

Passo a ler a V. Ex.^{as} o que sôbre esta paróquia e igreja escreveu João Baptista de Castro nos anos a seguir ao terremoto:

«A memória mais fidedigna que encontramos da antiguidade desta paróquia é do ano de 1295, no qual, a 18 de Maio, passou el-rei D. Diniz provisão para ser colado nela, em prior, o mestre João, físico da rainha

D. Brites; e foi êle o último que obteve esta igreja, estando ainda no padroado real; porque a 8 de Julho do mesmo ano fez o dito rei mercê dela ao bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, para continuar em seus sucessores, e desta sorte se incorporou na mitra, cujos prelados são presentemente seus donatários.

«O pároco tem predicamento de prior, que é provido por concurso, e se estima a sua renda em quatrocentos mil réis; sendo que dêstes há de dar a quarta parte a um coadjutor. Há aqui oito benefícios, que apresentam alternativamente a Sé Apostólica e o prelado diocesano, e rende cada um cincoenta mil réis. As irmandades que se acham aqui estabelecidas são: a do Santíssimo que apresenta uma meia capela; a da Via-Sacra que apresenta três capelas, para o que tem propriedades vinculadas; a da Conceição e Mãe dos Homens; a de Nossa Senhora da Atalaia, imagem antiga e milagrosa e que tem uma irmandade dos mareantes e pescadores com seu capelão.

«Aos insolitos abalos do terremoto caiu nesta igreja uma imagem de pedra do Santo Patrono Protomártir, que estava no frontispício, e arruinou o côro com a sua queda, mas já se acha reedificado; apeou se parte da tôrre que ameaçava ruína e com o temor de outra maior passou a paróquia para a ermida de Nossa Senhora do Rosário, no largo do sítio das Galés. Não consta que morresse na igreja pessoa alguma nesse dia; porém pelo distrito da freguesia, segundo o assento do livro dos óbitos, não chegaram a quarenta.

«Constava esta paróquia antes do terremoto de mil cento e vinte e nove fogos e quatro mil trezentas e vinte e cinco pessoas de comunhão; presentemente numera oitocentos e setenta e oito fogos e três mil quatrocentas pessoas de comunhão».

A seguir resumirei o que sôbre a igreja se lê de interêsse no *Dicionário Portugal* de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues e que mais ou menos reproduz as informações de Carvalho da Costa e outros historiógrafos e monógrafos do templo e do local, além de João Baptista de Castro:

«A igreja era vastíssima; tinha cinco naves com colunas pelo meio; a capela-mór muito elegante e espaçosa, tendo sôbre o altar o sacrário com o Santíssimo Sacramento, boa tribuna, feita de talha dourada, que passava por ser uma das melhores de Lisboa. A custódia para a expo-

sição do Santíssimo era duma altura colossal, obra singular no valor e no feitio, a qual nunca se tirava da tribuna por não se poder mover com facilidade. Na irmandade havia outra de tamanho regular, para servir nas procissões e nas festividades, a qual se collocava dentro da outra de grandes dimensões.

«A tribuna era adornada com dois querubins do Propiciatório, tendo aos lados uns nichos com as imagens de Santo Estêvão e S. Lourenço, levita. Os dois altares colaterais eram da mesma architectura do altar-mór, com tribuna dourada; o da parte do Evangelho Nossa Senhora da Consolação e o da parte da Epístola Santa Teresa de Jesus. No corpo da igreja havia mais seis altares, três de cada lado. Sôbre a tribuna da capela mór existia um grande grupo de pedra, bela escultura, trabalho do escultor José de Almeida, representando Cristo Crucificado, tendo ao lado dois anjos em adoração. Dizem que foi feita esta escultura para o convento de Mafra, sendo depois collocada na igreja de Santo Estêvão. A imagem do Santo Padroeiro é trabalho de Nicolau Pinto; das outras imagens dizem que a de maior valor é a de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Os quadros a óleo que adornavam o templo, segundo a opinião dalguns escritores, foram as primeiras pinturas do afamado pintor Pedro Alexandrino de Carvalho. Na sacristia notavam-se uns grandes caixões de angelim bronzeados, onde se guardavam os paramentos.

«Depois de 1855 a igreja estava muito arruinada e procedeu-se a uma reforma radical. Enquanto duravam as obras, que foram importantíssimas, esteve a paróquia instalada na capela dos Remédios. Estando concluída, voltou para a sua antiga casa, a 5 de Outubro de 1848, em solene procissão constituída pelas irmandades ali reúnidas.

«A igreja ficou transformada por completo. É de três naves e espaçosa. Tem, porém, caído em grande decadência. A custódia colossal foi vendida. A âmbula que encerrava a reliquia do Santo Padroeiro também já não existe, assim como os caixões de angelim, que se viam na sacristia. Hoje vêm-se aqui uns grandes arcazes com gavetões, um grande armário e outro mais pequeno; todos êstes três móveis de boa madeira e com ornatos. Junto do armário maior há um alçapão que dá entrada a uma casa subterrânea que serve de arrecadação».

Estou certo de que alguns de V. Ex.^{as}, que deram maior atenção a esta última leitura, haverão pensado que me enganei na página, porque

a igreja que temos diante de nós está um tanto longe de ser a que a descrição nos pinta, quer quando no-la dá de cinco naves, quer quando no-la reduz a três.

Não houve engano de página. Simplesmente os autores do artigo não vieram aqui e copiaram dalgures a informação duma igreja de três naves, erro em que também caiu o autor do allás notável *Guia de Portugal*, publicado pela Biblioteca Nacional de Lisboa. Posterior á descrição de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, há uma do falecido Monsenhor Gustavo Couto, que paroucou esta freguesia e que, dado a estudos históricos, fez em 29 de Junho de 1926, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, uma conferência sôbre esta igreja, publicada depois com o nome de *História da Igreja de Santo Estêvão de Lisboa*.

História que, sem desrespeito pela memória de Monsenhor Couto, mais pode chamar-se uma pequena monografia. Junta-lhe, porém, uma colectânea de documentos que vale a pena resumir.

O primeiro deles liga-se a um alvará passado em Salvaterra, em 1246, pelo Infante, que foi depois o rei Afonso III, no qual se faz referência ao ano de 1147, isto é, ao próprio ano da tomada de Lisboa, como sendo o da fundação da igreja, que portanto seria coeva de Nossa Senhora dos Mártires ou de S. Vicente de Fora. Conclui Monsenhor Couto que pelo menos em 1185 já existia a igreja. Encontrou também a prova nas provisões de Afonso V (documento II da colectânea) para a conservação à freguesia de determinados dizimos do Alqueidão.

Êste Alqueidão, como V. Ex.^{as} sabem, era uma propriedade que o Município de Lisboa tinha para os lados da Azambuja e do Cartaxo, parece que desde tempos anteriores à conquista cristã; e dela tirava rendas, algumas das quais para certo número de mercieiras ou beneficiárias das velhas instituições de *Mercearias*, que no nosso país prece-deram as Misericórdias. Esta propriedade, com as de Vialonga e Reguengo de Valada, algo rendia também à igreja de Santo Estêvão.

Segundo Carvalho da Costa, em troca destes dizimos, o prior de Santo Estêvão tinha a obrigação de dizer numa ermida de S. João Baptista do Alqueidão uma missa até findar a cobrança, isto é, a colheita dos frutos. Acrescenta que tais dizimos os deixara uma Rainha a esta igreja pela licença da criação da paróquia de Santa Engrácia no termo de Santo Estêvão. Ambas as paróquias participavam dos frutos dos

dízimos na proporção dum terço para cada prior e coadjutor; outro terço era para os beneficiados e o restante para a mitra, que sabemos donatária da freguesia desde o tempo de D. Diniz.

Creio que Carvalho da Costa fez aqui confusão, ao falar duma Rainha, que deve antes ter sido a Infanta D. Maria, a promotora da criação da freguesia de Santa Engrácia. E êstes dízimos do Alqueidão para a igreja de Santo Estêvão já existiam bem anteriormente à amputação da freguesia no século XVI.

Procuremos agora pôr ordem cronológica no que já sabemos por Carvalho da Costa, João Baptista de Castro e Monsenhor Couto e no que formos tocando da matéria, vindo doutras proveniências.

Podemos acreditar no período anterior a 1295, data de que partiu João Baptista de Castro para a história fidedigna da igreja?

Gomes de Brito, na sua conhecida obra sôbre as ruas de Lisboa, coloca a fundação de Santo Estêvão, com a de S. Miguel, em certo tempo depois das primeiras dez freguesias da cidade após a conquista, que, segundo êle, apoiado aliás em Cristóvão Rodrigues de Oliveira, foram Nossa Senhora dos Mártires, S. Vicente, Sé, Madalena, S. Bartolomeu, hoje desterrado para o Beato, S. Jorge, actualmente em Arroios, S. Martinho junto a S. Tiago, S. Pedro de Alfama, Santa Justa, e S. Gião ou S. Julião, hoje em parte nenhuma, visto que a sua freguesia passada para as Avenidas Novas trocou o padroado do que supponho o português mártir de Flávia Lambria, junto ao Lima, pelo de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Parece-me todavia que podemos concordar com a fundação da igreja em data bastante anterior a 1295, embora me custe a crer que ela tivesse sido fundada logo em 1147, visto que todos nos falam duma Nossa Senhora dos Mártires, dum S. Vicente, mas nenhuma informação nos chegou dum coevo Santo Estêvão que também seria de Fora. Sabem V. Ex.^{as} que, antes da cerca fernandina que veio abrigá-lo pelas alturas do Paraíso e pelo lado do rio, todo êste sítio ficava para cá das muralhas góticas ou afonsinas de Santa Luzia, Adiça e S. Pedro de Alfama.

Também a primeira reconstrução da igreja em 1316 favorece a suposição — e em tal assentamos pois — de que ela existia bastante anteriormente a 1295. Não é de crer a necessidade duma reconstrução, passados tão poucos anos.

Esta Igreja, afinal, em relação a outras da cidade, cujo estudo nos oferece datas bastantes para lhes fazermos umas efemérides copiosas, dá-nos o contraste de poucas datas de interêsse, no que dela consta em documentos publicados. Assim passam uns cento e quarenta anos, durante os quais muita cousa aqui aconteceu, mas que não sabemos. A seguir a 1316 encontramos como ano notável na sua história o de 1456.

Data dêste ano o documento de Afonso V, relativo aos dízimos do Alqueidão, de Vialonga e Reguengo de Valada, que dissémos ser o segundo da colectânea de Monsenhor Couto. Tem o seu interêsse. Por êle se vê que nessa data os párocos vizinhos destas propriedades, cujos dízimos se escapavam para Lisboa, contestavam a Santo Estêvão o direito a tais dízimos, aliás assente em razões sólidas. Pelo menos assim o entendeu a sentença de El-Rei que foi favorável a Santo Estêvão.

Em 1543—diz Monsenhor Couto—a igreja teve nova reconstrução.

Sete anos depois, pelo *Sumário* de Cristóvão Rodrigues de Oliveira, sabemos nós que a freguesia tinha de população novecentos e cincoenta e quatro vizinhos e um total de cinco mil trezentas e catorze almas. Era, com a Sé, a mais populosa do bairro. Favorecia-a o alargamento da cidade para lá das portas da Cruz. Havia aqui as confrarias de Nossa Senhora da Conceição, de S. Sebastião e de Santo Estêvão, que rendiam cento e setenta e cinco cruzados. Na área da freguesia, havia ruas de nomes que ainda se conservam e doutros — alguns bem curiosos — que se perderam. Entre êstes, uma *travessa do Trabalho*, outra do *Raivoso*, outras do *Balcão*, da *Patrôa*, do *Galego*, etc. Onde são hoje? E havia no seu tempo dois *espiritaes* como quem diz, dois hospitais: o dos *Pescadores Chincheiros*, isto é, os que pescavam com chinha, pequena rede de arrastar, e que na ermida dos Remédios tinham onze camas para onze mulheres; o dos *Pescadores Linheiros*, certamente os que pescavam à linha, que tinham às portas da Cruz as três camas que davam às suas doentes. Onde seria êste segundo hospital?

Era pois bastante grande esta freguesia de Santo Estêvão, muito povoada de gente marítima (e daí a fama de brigões que tinham os seus habitantes) quando, a pedido da Infanta D. Maria, moradora no Campo de Santa Clara, e inflamada de zêlo e caridade cristã, segundo as palavras piedosas de João Batista de Castro, um breve de Pio V, datado de 30 de Agosto de 1568, seguido da licença do arcebispo eleito de Lisboa,

D. Jorge de Almeida, de 2 de Dezembro de 1569, separou desta paróquia os seus fregueses para lá das muralhas fernandinas, que passaram para a nova freguesia de Santa Engrácia. O mesmo arcebispo dividiu então a renda desta igreja em nove partes, quatro das quais foram para o reitor de Santo Estêvão, três para o de Santa Engrácia e duas para os dois respectivos coadjutores. Dos oito beneficiados existentes passaram três para a nova igreja.

E fazemos agora o salto dum século para 1670, ano a que respeita uma curiosa escritura publicada por Monsenhor Couto. Data de 25 de Março desse ano e por ela se vê que passaram para a Irmandade do Santíssimo a obrigação dos paramentos da capela-mór e da sacristia e a de três lâmpadas acesas, dando-se aos irmãos, mulheres e filhos, o lugar de doze covas na igreja. Estas pequeninas cousas da vida íntima duma instituição secular são sempre curiosas. Dão o momento de longos séculos que um documento ilumina ao nosso entendimento e à nossa imaginação. E supõem movimento no que parece estagnado.

1712 é o ano da publicação da *Corografia* do padre Carvalho da Costa, que parece ter visitado esta igreja e no-la diz realmente de cinco naves, com colunas pelo meio. As rendas aparecem neste tempo algo superiores às indicadas pelo padre João Batista de Castro. O priorado rendia então mais de quinhentos mil réis, tinha cura colado e oito beneficiados com cem mil réis.

Carvalho da Costa, nessa obra, dá-nos da igreja a descrição reproduzida por Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues. Dela constam o antigo altar-mór, a capela colateral da Senhora da Consolação, onde também havia S. João Batista e Santo António, a de Santa Teresa de Jesus, onde tinham lugar S. Sebastião e Santo Antão Abade, e, em nicho inferior, Santa Catarina, muito venerada então como advogada contra a varíola e a quem os meninos ofertavam pão e uma moeda de cobre.

Não fala todavia em mais seis altares como os autores do *Dicionário Portugal*, mas apenas em mais dois: o de Nossa Senhora da Conceição, imagem antiga e milagrosa, que tinha tribuna, e o de Cristo Crucificado, ladeado de S. Miguel e de S. Pedro Gonçalves. Havia ainda neste último altar a imagem de Nossa Senhora da Atalaia, que tinha irmandade de mareantes e capelão e à qual pagavam as alfândegas da cidade uns tantos reais «por cada caixa ou seixo de assúcar».

Fala Carvalho da Costa num campanário com dois sinos. A gravura de Jorge Braunio dá da torre da igreja, em 1582, a idea de cousa superior a simples campanário. Chega a parecer uma possante torre medieva, a que não faltam a varanda ou barbacã, com os seus cogilos ou cachorros, e uma elegante pirâmide ou coruchéu.

Entre as ruas da freguesia dá também Carvalho da Costa, a par dos nomes dalgumas que hoje existem, os de já desaparecidas ou mudadas de nome que são, entre outras: o *Alpendre do Chafariz*, o *Beco do Estanco do Tabaco*, o do *Hospital*, o do *Frois*, o de *Henrique Teles*, e do *Muro*, o de *Eva Fernandes*, o terreiro de *Braz Rodrigues*, a rua para a *Goleta*, *Praia* e *Varandas*, *Fontes*, etc.

E estamos em 1733, ano em que foi dada autorização para a demolição da igreja, então em completa ruína. Desapareceu nessa nova construção — creio eu — a igreja das cinco naves, da qual apenas podem subsistir, se subsistem, as paredes exteriores, e edificou-se seguramente a que temos diante de nós, reparada embora depois do terremoto e já no século passado, como dissemos, de 1833 a 1848. Radicalmente, diz Esteves Pereira, o que não acredito muito, salvo prova que não encontrei.

Encontra-se nos documentos de Monsenhor Couto (o IV, se não estou em êrro) um termo de composição, dêsse tempo da demolição, que nos revela a existência de nada menos quatro demandas entre a Irmandade do Santíssimo e a Colegiada que, sabemos, aqui existia. Do escândalo dessas demandas resultava que a colheita de esmolos para a reedificação da igreja demolida era bastante magra. O acôrdo fez-se. A colegiada deu a prata da capela de Santo António, ornamento e imagens de Santo António e de S. João, e as covas da gradatura para dentro passaram para Irmãos, filhos e mulheres. A Irmandade tomou a seu cargo a capela e paramentos.

Desapareceram, assim em 1733 as cinco naves, nas quais tenho de acreditar pelo testemunho do padre Carvalho da Costa, embora me custe — confesso. Por outro lado, chego a pensar que o caso não é para grande espanto, a despeito do pouco espaço que temos aqui, se nos lembrarmos de que as últimas naves laterais bem poderiam ter sido quaisquer intercolúnios, passagens ou fugas de altar para altar, à maneira das que se vêem em Mafra ou em S. Vicente de Fora.

Entretanto a reedificação iniciada em 1733 não foi das mais demo-

radas. A nova igreja foi dada por pronta em 1740. Diz o documento de Monsenhor Couto que o desembargador Luiz de Sá Pedroso lhe lançou a bênção em Setembro dêsse ano e que o prior de então era o padre Melo Roiz Passana.

Sabemos depois que em certa manhã marcou o calendário o primeiro de Novembro de 1755 e que a terra tremeu.

Também por aqui tremeu muito, embora não tanto como na Baixa. O fogo porém não alastrou a Santo Estêvão, segundo se lê em Moreira de Mendonça que soube aproveitar uma boa oportunidade para publicar uma *História Universal de Terremotos*.

Santo Estêvão perdeu duzentos e cincoenta fogos, ou umas noventa e vinte e cinco almas. É claro que se conta nesta gente a que daqui debandou. Perdeu menos todavia que outras freguesias não muito longe. Sabe-se que S. Bartolomeu, lá ao pé do Castelo, perdeu dois terços dos habitantes; S. Mamede, ao Caldas, e Madalena, quasi todos. Na Sé, em S. Nicolau, em S. Pedro, no vizinho S. Miguel, a catástrofe levou mais de metade da população.

O terremoto, que não considero «a desgraça mais feliz de Lisboa» — como a brincar no-lo diz num dos seus formosos e compactos livros um ilustre Mestre de erudição olisiponense — não só porque nos custou vidas e fazendas, mas porque nos roubou os Paços da Ribeira, a Casa da Índia, a Misericórdia, Santa Clara, o Carmo, a Trindade, S. Francisco, Santo Antão-o-Novo, o Destêrro, etc., o terremoto—vínhamos dizendo— aqui apenas derrubou a fachada, donde caiu a estátua do orago, como sabemos. Parece datar também de então a queda da tórre norte que não foi reconstruída.

Vê-se pela inscrição da porta que a igreja reabriu em 1773. Entretanto para a restauração houve dificuldades de dinheiro. Um dos documentos de Monsenhor Couto alude a um apêlo à caridade dos fiéis para a conclusão da obra, tendo sido autorizado um peditório por um ano, fora da freguesia.

Assim chegou a igreja até 1833, ano em que, dizem, sofreu obras, que duraram até 1848, mas creio que nelas nada foi afinal fundamentalmente alterado das linhas do edificio. A grande alteração das cinco ou três naves para a nave única de hoje foi indubitavelmente a de 1773 a 1740. Pelo menos assim o creio, até prova em contrário.

¿ Qual a igreja que tivemos aqui, de mil e cento e tal a 1295 ?
 ¿ Qual a da reconstrução de 1316 ? ¿ A da de 1543 ?

Monsenhor Couto, partindo da fundação da igreja em meados do século XII, viu nela um templo românico-bizantino. Alude a esculturas e a pinturas e a cópia duma antiga basílica de Santo Estêvão, em Roma, aliás redonda. ¿ Conhecimento do que dizia ou pura imaginação ?

Eu, não sei porquê, adivinho-a na arquitectura nada bizantina, mas dum românico do último período talvez; ou já mesclada dum gótico muito simples, se a primeira reconstrução a alterou grandemente. Autoriza-mo o desenho de Jorge Braunio que assim parece dar-no-la, pelo menos à minha intuição. Lá nos mostra em 1582, nas reduções que conheço, uma igreja que não será tôda do novo estilo de Itália, mas ainda menos do velho bizantino. Tem o seu frontão triangular, a planta massiça das suas três ou cinco naves, o corpo saliente da capela-mór, que já pode ser do Renascimento, a pesada tórre, de que já falamos, com os seus cachorros, varanda e coruchéu. E está em adro mais desafogado que o de hoje, por sinal, e rodeada de casario menos compacto, que se estende largamente até aos limites da cêrca fernandina — isto é — desde o *Postigo da Pólvora*, onde hoje podemos encontrar a ermida do Senhor da Boa Nova, lá em baixo, na vizinhança do Museu Militar, ao *Postigo da Lapa*, cujo nome está lembrado no beco do mesmo nome, às *Portas da Cruz* e ao *Postigo do Arcebispo*, já em S. Vicente. Casario menos compacto, porque assim o era, ou o do lápis grosseiro do desenhador ?

Falei em gótico simples. Góticas ou românicas, naves muito nuas, estou em crer. Poucos tramos. Tecto de madeira. Qualquer cousa como o que podem imaginar os que conhecem as velhas igrejas de Tomar, de Santarém, etc.

É claro que desde êsses tempos do românico e do gótico a 1735 as reconstruções foram deturpações do primitivo estilo. Fizeram-lhe certamente altares dum lado e do outro. Ornaram-na com talhas douradas, com azulejos, abriram-lhe um dia a tribuna para o trono, quando chegou o costume de expôr o Santíssimo em trono de lumes, e assim a alindaram à custa da severidade primitiva.

No exórdio da minha palestra tive a franqueza de confessar os meus predicados modestos de orador e de arqueólogo ou investigador,

V. Ex.^{as} já tiveram a prova. Li trabalho alheio, discuti, ordenei, pouco conclui afinal.

Tenho a confessar nova falha — a de minguados conhecimentos de arquitectura, a de mal educada sensibilidade para as artes plásticas. Mas, assim como tanta gente gosta e fala de música e ignora, não apenas as regras da fuga, mas às vezes os princípios do solfejo, seja-me permitido gostar da arquitectura e falar ingenuamente dela, como a sinto aqui. Procuro as linhas, as superfícies, os volumes que falam brandamente ao meu sentimento estético; a ordem, a simplicidade e a proporção; os efeitos discretos da luz e da sombra, a relação equilibrada dos cheios e dos vazios, a arquitectura que para mim é feita de ritmos, de melodias, de harmonias, ou não seja ela a música petrificada.

Se não temos aqui a petrificação silenciosa duma sinfonia de Beethoven, não nos faltam todavia os ecos e as obsessões duma bonita obra anónima, clara e arejada, evocada por êste conjunto de linhas que o nosso olhar segue com prazer; de superfícies, por onde êle se espria sem esforço; do domínio de volumes que êle aceita sem ansiedades nem esmagamentos. Tudo isto é familiar.

Neste interior de igreja que tem carácter, partido, (franqueza e verdade, ia a dizer, se o exterior no-lo não desmentisse), encontramos bem a tonalidade clara duma música diatónica, sem acidentes; o ritmo concorde de poucas e bem ordenadas figuras; a primacial estética da unidade que nenhum elemento de variedade destrói, da variedade que a unidade não impede.

Senão, vejam V. Ex.^{as} esta unidade clássica de todo o bonito corpo da igreja que o episódio barroco da capela-mór e da sua decoração arquitectónica e escultural não anula.

A êste conjunto de excelentes cousas, duma aliança feliz do arco e do dintel, dum estilo que quasi direi palladiano, valorizado por uma capela-mór de sabôr que direi também quasi berniniano, nela caracterizado pelo próprio grupo escultórico que encima a tribuna do trono, notei apenas a falta de franqueza e de verdade. E não é difficil dizer porquê.

Qual de nós, avistando esta igreja, chegando às três portas da sua principal fachada, supõe encontrar aqui uma nave octogonal? Certamente nenhum. Êste octógono está lá fora mascarado por uma planta

que se supõe rectangular e apenas se denuncia de longe pelo extradorso da abóbada.

Por isso, quando aqui entramos, vemos bem o altar-mór em frente da porta principal, mas as laterais não encontram o corpo da igreja; apenas umas paredes marcadas de dois arcos que nada dizem e que estão aqui nas trazeiras dos últimos altares a abrir corredor para o baptistério e para o cartório paroquial.

Creio que esta anomalia resultou de não haver a reconstrução, que insisto em chamar de 1733, demolido inteiramente a igreja, pelo menos as paredes exteriores. A ruína era certamente do interior, dos poucos tramos das três ou cinco naves que o caracterizavam. Esvaziado dessas colunas, pilastras ou pés direitos, dêesses arcos, dessas naves, vestiram-se interiormente as paredes dêste octógono ou quadrado cortado que aqui temos.

Defeito, engano, mentira architectónica sem dúvida, comum porém a muitas das grandes obras da arte barroca, como V. Ex.^{as} sabem.

Não deixamos por isso de admirar a beleza de todo êste conjunto interno, que não é nada mediévico, como pareceu julgá-lo Monsenhor Couto, nem a oitava maravilha do nosso tempo, mas que nos prende às suas linhas e superfícies, que nos satisfaz pela própria construção com materiais nobres, à parte os estuques ou escaiolas e algum mosaico fingido; que nos encanta em pormenor pela própria preocupação do dintel plano sôbre cartelas em cada uma das janelas do corpo da igreja e sob a figuração viva de anjos no vulgar arco da tribuna do trono. Esta preocupação dá também carácter à igreja e mostra o valor estético dum pequeno elemento num notável conjunto. Conjunto notável, insisto, pelo carácter rico da ordem aqui recordada, decididamente bem alternado de massiços e de vãos, bem contrastado de luz e de sombras, bem assente nas suas pilastras coríntias ornadas de caneluras e redenturas, bem equilibrado de elementos funcionais e decorativos. João Maria Batista na sua *Corografia* acha a igreja larga demais. Mas esta largura é o seu partido que está longe de ser defeito; é antes valor activo em tôda esta perfeita cadência de linhas e acordes plásticos.

(Continua no próximo número)

OBRAS OFERECIDAS PARA A BIBLIOTECA DO GRUPO

«AMIGOS DE LISBOA»

PELOS SEGUINTESENHORES E ENTIDADES:

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS — MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

- N.º 346/7 — *Batata da semente — Disposições Legislativas (1938).*
- » 348/9 — *Moscatel de Setúbal por Pedro Manso Lefèvre (1938).*
- » 350/1 — *Some Aspects of Portuguese Grasslands por J. de Carvalho e Vasconcelos.*
- » 252/3 — *Subsidios para o estudo do índice de iodo do azeite nacional, (1937), por Isidoro de Oliveira Carvalho Costa Netto.*
- » 354/5 — *Mal-me-queres... Bem-me-queres... série Divulgação n.º 2, pelo Dr. Fausto Landeiro (1937).*
- » 356/7 — *A Formiga Argentina, série Divulgação, n.º 4 (1937), por Dr.ª Matilde Bensaúde e Miguel Neves.*
- » 358/9 — *Tratamento e Conservação de Vasilhas — Correção de acidez dos mostos, série Divulgação, n.º 5, por Albano Homem de Melo (1937).*
- » 360/1 — *O aguado das laranjeiras e limoeiros, série Divulgação, n.º 7, por Matilde Bensaúde.*
- » 362/3 — *A Botica do Antunes, série Divulgação, n.º 8, pelo Dr. Fausto Landeiro (1937).*
- » 364/5 — *O aproveitamento e a conservação da fruta, série Divulgação, n.º 9, por José Cidrais (1937).*
- » 366/7 — *Cultura das Pereiras, por J. Vieira Natividade.*
- » 368/9 — *Uva de Mesa (1937) (postais).*
- » 370 — *Fruta de Portugal (postais).*
- » 371/2 — *Uma história muito simples e muito verdadeira.*
- » 373/4 — *Contribuição para o estudo das cerejas portuguesas, por Armando Canhoto Vidal (1937).*

- N.º 375/6 — *Contribuição para o estudo dos métodos quimico-analíticos das aguardentes*, por *Luíz Anibal Valente Almeida*. (1937).
- » 377,8 — *Subsídios para o estudo da fixação da mais conveniente percentagem de água no Pão de Milho*, por *Amandio Barbedo Galhano* (1937).
 - » 379/80 — *A análise dos vinhos pelo método das condutibilidades eléctricas*, por *José Joaquim da Costa Lima* (1937).
 - » 381/2 — *Fomento Pecuário*, por *António Luíz de Seabra* (1937).
 - » 383/4 — *Os Couteiros dos arredores de Viçeu*, por *João de Carvalho e Vasconcellos* (1937).
 - » 384/5 — *Organização Cooperativa da Agricultura* (1937).
 - » 386/7 — *O Problema do Azeite*, por *José de Penha Garcia* (1937).

MINISTÉRIO DA MARINHA

- » 388 — *Lista dos Navios da Marinha Portuguesa* (1937).
- » 386 — *Estatística das Pescas Marítimas no Continente e Ilhas Adjacentes no ano de 1935*.

DIRECÇÃO DOS ABASTECIMENTOS DO MINISTÉRIO DA MARINHA

- » 390 — *Comissão de Padrões da Grande Guerra* — Relatório da Comissão Executiva ref. a 31-12-1932.
- » 391 — *Estatuto dos Officiais da Armada*.
- » 392 — *Regras de arqueação dos Navios para a passagem do Canal de Suez*.
- » 393 — *Regulamento Internacional para evitar abalroamentos no mar* (1932).
- » 394 — *Exercícios de Remo — Vozes para o leme — Continências em embarcações* (1933).
- » 395 — *Manual de Embarcações miudas*, por *António Marques Esparteiro*, 1.º tenente (1931).
- » 396 — *Portugal, Pendent la Guerre et Pendent La Paix*.
- » 397 — *A Nafta, seu emprêgo na Marinha como combustível*, por *Custódio Mendes Ferreira*, Capitão-tenente Eng. Naval (1932).
- » 398 — *A Contabilidade Digráfica*, por *A. da Costa Gazaro* (1933).
- » 399 — *Sistema «Weir» para alimentar caldeiras em circuito fechado*, por *G. J. Weir, Lda.* (1931).
- » 400 — *Lista da Armada referida a 31 de Dezembro de 1937*, pelo pessoal da 3.ª secção.
- » 401 — *O Cruzador «República» na China*, por *Guilherme Ivens Ferraz* (1932).

EMISSORA NACIONAL

- » 402 — *Jogos Florais do Ano X. Recolha das produções classificadas* — Emissora Nacional (.936).
- » 403 — *Ronda do Império* (1937).
- » 404/415 — *Boletim n.ºs 1 a 12 da Emissora Nacional*, Agosto-1935 — Julho-1936.

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA À CIDADE DE LISBOA
— MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

- N.º 416 — *Memória Histórica sobre o Abastecimento de Água a Lisboa até ao reinado de D. João V*, por *Jorge das Neves Larcher* (1937).
- » 417 — *Resumo dos Boletins 1 a 4 da Comissão de Fiscalização das Obras de Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa* (1937).
- » 418/9 — *Boletim n.º 10/11 — Comissão de Fiscalização das Obras de Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa* (1937).
- » 563 — *Boletim n.º 12*. Idem, idem.

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS E ELÉCTRICOS DO MINISTÉRIO DAS OBRAS
PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

- » 420/1/2 — *Anuário dos Serviços Hidráulicos*, anos de 1933/4/5 — 1.º, 2.º e 3.º anos.

COMISSARIADO DO DESEMPREGO DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

- » 423/438 — *Boletim do Commissariado do Desemprego — Publicação mensal*, n.ºs 1 a 16.
- » 468 — *Boletim do Commissariado do Desemprego — Outubro-Dezembro 1937*
- » 602 — *Boletim do Commissariado do Desemprego*, n.º 17 — Janeiro-Março de 1938.

ADMINISTRAÇÃO GERAL DO PÓRTO DE LISBOA

- » 439 — *Agenda do Pôrto de Lisboa para 1938*.
- » 440 — *Decreto-lei n.º 24.209 — Organização — Serviços — Administração Geral do Pôrto de Lisboa* (1934).
- » 441 — *Administração Geral do Pôrto de Lisboa. Organização. Serviços*.
- » 442 — *Administração Geral do Pôrto de Lisboa. Tarifas — Decreto n.º 24.831* (1935).
- » 443 — *Pôrto de Lisboa — Conferência na Câmara Municipal de Lisboa em 15/1/1934*, por *Salvador de Sá Nogueira* (1934).
- » 444 — *Estatística dos Anos Económicos de 1919-20 a 1926-7 da Repartição de Contabilidade, da Administração Geral do Pôrto de Lisboa*.
- » 445 — *Relatório — contas relativas ao ano económico 1932-1933 e elementos estatísticos relativos ao ano civil de 1933 da Administração Geral do Pôrto Lisboa* — (1934).
- » 446 — *O Pôrto de Lisboa, estudo económico* por *J. Bacelar Bebiano*.
- » 447 — *Relatório — contas relativas ao ano económico 1930/1, e elementos estatísticos relativos ao ano civil de 1931 da Administração Geral do Pôrto de Lisboa* (1932).

- N.º 448 — *Relatório — contas relativas ao ano económico de 1933-1934 e elementos estatísticos relativos ao ano civil de 1934 da Administração Geral do Pôrto de Lisboa* (1934).
 » 449 — *Relatório — contas dos anos 1934-1935 (18 meses) da Administração Geral do Pôrto de Lisboa* (1935).
 » 450 — *Le Port de Lisbonne* (1926).

SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

- » 451/2 — *Hidráulica Agrícola — Junta Autónoma das Obras de Hidráulica Agrícola — Estudos, Projectos e Construção — Relatório 1936. Volume 1.º* (1936).
 » 453/4/5/6 — *Relatório da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, 1932 — 1937.*

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

- » 457 — *O Instituto Nacional de Estatística — proposta de Lei que criou o Instituto* (1936).
 » 458 — *Estatística Judiciária — Elementos referentes ao ano de 1936* (1937).
 » 459/60/1 — *Situação Bancária nos anos de 1934, 1935 e 1936.*
 » 462/3/4 — *Anuário Demográfico — Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal* (1935 — 1937).
 » 465/6/7 — *Anuário Estatístico de Portugal* (1934/5/6).
 » 469 — *Estatística Comercial* (1936).

GRUPO AMIGOS DE LISBOA

- » 470/1 — *Lisboa de Outrora*, por João Pinto de Carvalho (Tinop).
 » 474/83 — *Olisipo* n.º 2 (1936).

AUGUSTO CUNHA

- » 472 — *P. B. X.* pelo oferente (1934).
 » 473 — *O Processo de Mário Dâmaso* (comédia), pelo oferente (1932).
 » 484/528/A/B/C — *O Mundo Português*, n.ºs 1 a 55. Pelo Director (Augusto Cunha).

JOÃO SALDANHA D'OLIVEIRA E SOUSA

- » 529 — *O Marquês de Pombal e os Sousas do Calhاري*, pelo oferente (1936).
 » 530 — *O Marquês de Pombal*, pelo oferente.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

- » 532/3/4/5/5A — *Indústria Portuguesa* (Revista da Associação Industrial Portuguesa).
 » 569 — *Indústria Portuguesa*, n.º 24.

ALBERTO EMÍLIO MEYRELES

- N.º 536 — *Regulamento para os empregados da Repartição de Incêndios* (1853).

JOHAN VOETELINK

- » 537 — *Congrés International de Tourisme* — Lisbonne-1911.

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GAMA D'ABREU

- » 538 — *Memória inedita acerca do Edifício Monumental da Batalha*, por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque (1867).
» 539 — *Bocejo Histórico da Veneranda Imagem do Senhor Jesus dos Passos da Graça e Templo da mesma invocação*, (1874).
» 540 — *Lisboa Oriental*, por Manuel Vicente Moreira (1934).

VARELA ALDEMIRA

- » 541 — *A Arte e a Psicanálise, Três conferências*, pelo oferente (1935).
» 542 — *Um ano Trágico — Lisboa em 1836*, pelo oferente (1937).

JUNTA AUTÓNOMA DAS ESTRADAS

- » 543/4 — *Direcção de Estradas do Distrito de Leiria* (1935).
» 545/6 — *Direcção de Estradas do Distrito de Vila Real* (1937).
» 547/8 — *Itinerário das Estradas do Distrito de Faro* (1937).
» 549/50 — *Itinerário das Estradas do Distrito da Guarda* (1936).
» 551/2 — *Itinerário das Estradas do Distrito de Lisboa* (1937).
» 553/4 — *Mapas das distâncias entre sédes dos Concelhos nos diversos Distritos*.
» 555/6 — *Relatório 1927-1931* (1931).
» 557/8 — *Relatório 1931-1935* (1935).

A. MONTEIRO DA COSTA

- » 559 — *A Profilaxia da Raiva*, pelo oferente (1929).
» 560 — *L'élevage et les Services Vétérinaires dans les Domaines Portugais d'outre-mer*, pelo oferente (1933).

ALBERTO MEIRA

- » 561 — *Celso Herminio*, pelo oferente (1929).

GOMES DE CARVALHO

- » 564 — *Em Lisboa*, por J. Duarte Elias (1903).
» 565 — *A triste Canção do Sul*, por Alberto Pimentel (1904).
» 566 — *Em flagrante*, por Alberto Pimentel (1906).

126 OLISIPO — Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»

N.º 567 — *O Carnaval Desmascarado* por Celso Herminio (1903).

» 568 — *Lisboa Negra*, por Delfim Guimarães (1893).

FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

» 570 — *Portugueses do Século XVIII feitos Marqueses pelo rei da Polónia ?* pelo oferente (1936).

» 571 — *São Francisco Xavier*, pelo oferente (1935).

» 572 — *S. Francisco Xavier* (2.ª edição) Nova Goa.

SERVIÇOS CULTURAIS DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

» 573 — *Lisboa Antiga XI*, por Júlio de Castilho (1938).

DA REDACÇÃO

• 574 — *Gil Vicente*, revistas n.º 3 e 4, vol. XIV — Guimarães 1938, Março e Abril.

» 603 — *Gil Vicente*, n.º 5.

JOSÉ DE SOUSA GOMES

» 575/6 — *Lisboa — da sua vida e da sua beleza*, pelo oferente (1937).

DIRECCÃO DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS

» 577 a 587 e 587/A — *Boletim da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, n.º 1 a 12 (1937/38).

ANTÓNIO MARIA PEREIRA

» 588 a 591/A/B/C — *Peregrinações em Lisboa*, n.º 1, 2, 3 por Norberto de Araújo (1938).

ALVARO PINTO

» 592 a 600/A/B/C/D/E — *O Ocidente*, revista portuguesa n.º 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

» 601 — *Dez anos na pasta das Finanças (27 de Abril de 1928 a 27 de Abril de 1938)* pelo Dr. António de Oliveira Salazar.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS DE LISBOA

» 602 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*.

AMIGOS DE LISBOA

LISTA DOS SÓCIOS APROVADOS DURANTE O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1939

- 671 — Eduardo Rios, comerciante
672 — Amador Augusto Lavadinho, comerciante
673 — João Alberto de Azevedo Neves, médico
674 — João de Sousa Lara, proprietário
675 — Eugénio Garcia, advogado
676 — Eduardo Carlos Camezuli Ferreira de Oliveira, médico
677 — Arnaldo Constantino Fernandes, advogado
678 — Sebastião Fausto de Sousa, empregado comercial
679 — José Soares, médico
680 — António Pereira da Costa, empregado comercial
681 — Raúl Rodrigues Abrantes, empregado comercial
682 — António dos Santos Silvestre, empregado comercial
683 — Ramiro Barros e Silva, conservador bibliotecário
684 — Amadeu Gaudêncio, industrial
685 — António da Cruz Morais, industrial
686 — Horácio Rodrigues da Costa, comerciante
687 — Visconde de Santarém, proprietário
688 — Francisco Fernandes Vilas, industrial
689 — José Norberto de Oliveira Campos, funcionário público
690 — António Morais Pinto, proprietário
691 — Eduardo Guimarães, proprietário
692 — José de Sousa, ferro-viário
693 — Francisco Cândia, professor
694 — Francisco Augusto Gonçalves, capitalista
695 — José Sodré Freire Teles Pereira, comerciante
696 — Marcus Cheke, diplomata
697 — José Jacques da Cunha Garcia da Silva, estudante

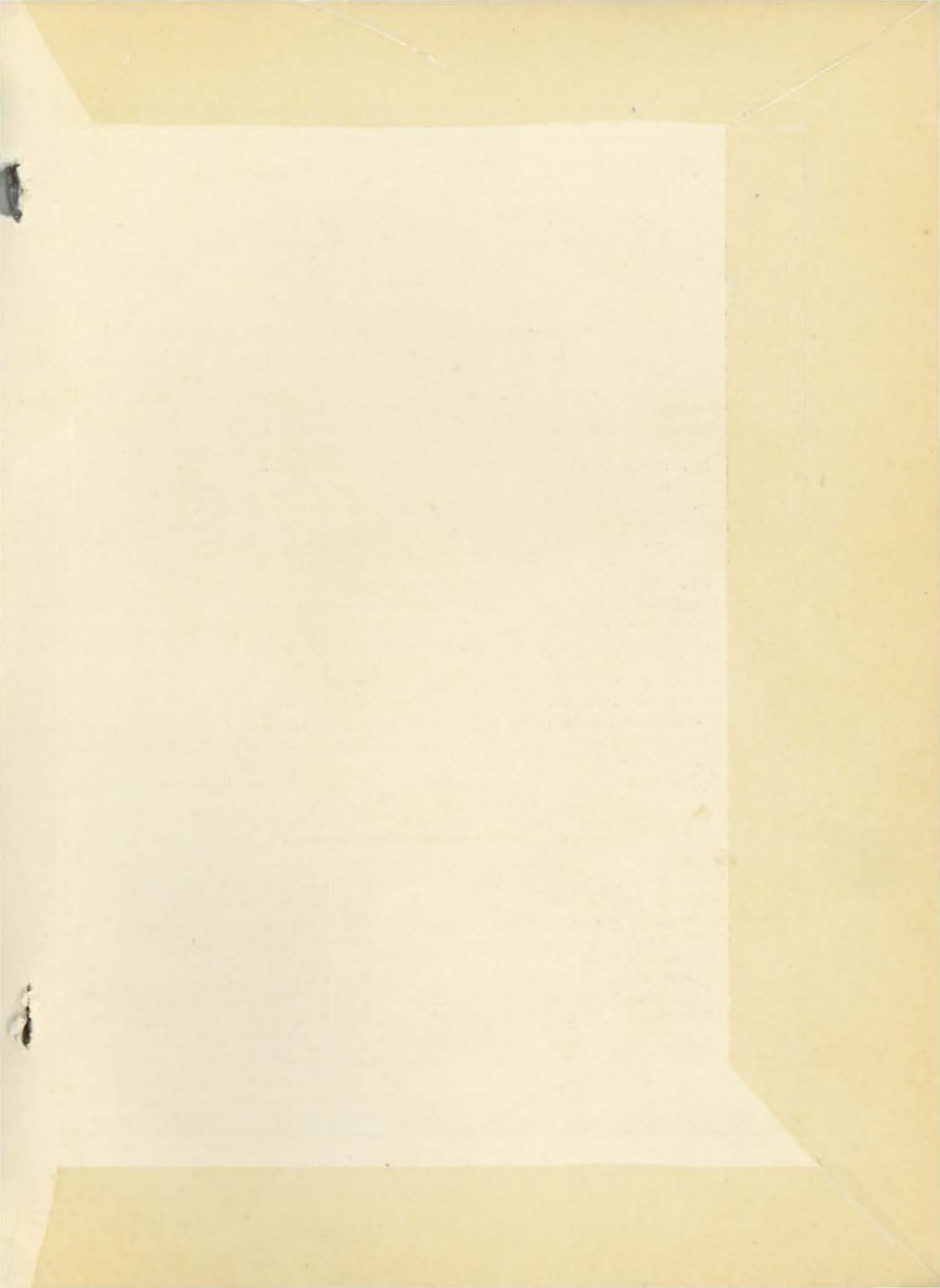
RESUMO, POR PROFISSÕES, DOS SÓCIOS APROVADOS NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1939

Advogados	2	Diplomatas	1
Capitalistas	1	Empregados no comércio	3
Comerciantes	4	Empregados de escritório	1
Conservadores bibliotecários	1	Estudantes	1

Ferro-viários	1	Médicos	3
Funcionários públicos	1	Professores	1
Industriais	3	Proprietários	1

RESUMO GERAL, POR PROFISSÕES, DOS SÓCIOS ACTUAIS DO GRUPO

Advogados	42	Escritores	2
Agentes de publicidade	2	Escultores	3
Agentes técnicos de engenharia	1	Estudantes	13
Ajudantes de Despachantes Oficiais	1	Farmacêuticos	5
Arquitectos	9	Ferro-viários	1
Artistas teatrais	6	Funcionários públicos	33
Aspirantes de Administrações	1	Guarda-livros	6
Banqueiros	3	Guardas de polícia	1
Bibliotecários	1	Industriais	14
Capitalistas	2	Inspectores	2
Chefes de Laboratório	1	Interpretes	3
Caricaturistas	1	Jornalistas	27
Chefes de polícia	1	Juizes de Direito	2
Comerciantes	73	Mecânicos	2
Condutores industriais	1	Médicos	58
Conservadores de bibliotecas	1	Médicos veterinários	4
Conservadores de museus	1	Mestres de alfaiates	1
Constructores civis	2	Notários	4
Contabilistas	4	Oficiais do Exército	35
Correctores oficiais	1	Oficiais da Marinha de Guerra	8
Desenhadores	1	Perito de seguros	1
Despachantes oficiais	5	Pintores de arte	8
Diplomatas	7	Professores	28
Editores	2	Proprietários	46
Empregados bancários	28	Publicistas	10
Empregados dos Caminhos de Ferro	1	Realizadores cinematográficos	2
Empregados no comércio	37	Reporteres fotográficos	1
Empregados no escritório	28	Revisores tipográficos	1
Empregados de seguros	3	Solicitadores	1
Engenheiros	65	Sub-directores de fábricas	1
		Técnicos fotográficos	1
		Tradutores	1



AMIGOS DE LISBOA

EDIÇÕES DO "GRUPO"

	■ Preço de venda para sócios	■ Preço de venda para o público
<i>Evocação do Café Martinho</i>	5,000	7,500
<i>Noite de Evocação do Leão de Ouro</i>	5,000	7,500
<i>Pequena Monografia de S. Vicente</i>		
Edição vulgar.	6,000	8,000
Edição especial.	12,000	20,000
<i>Urbanização de Lisboa</i>	2,000	3,000
<i>Ermida de Santo Amaro</i>	7,500	9,500
<i>Ruínas do Carmo.</i>	2,000	3,000
<i>Igreja da Conceição Velha</i>	2,000	3,000
<i>Igreja da Penha de França</i>	2,000	3,000
<i>Lisboa no Folclore</i>	4,000	5,000
<i>Olisipo, números 1, 2, 3, 4, 5 e 6.</i>	5,000	7,500
<i>Lisboa de Outrora, 1.º vol.</i>	7,000	8,500
» » » 2.º vol.	7,000	8,500

OBRAS CONSIGNADAS

<i>Peregrinações em Lisboa.</i>	7,000	8,500
<i>Baixa Pombalina</i>		
Edição vulgar.	5,000	7,500
Edição especial.	8,000	12,000
<i>O Convento de Nossa Senhora dos Remédios — Convento dos Marianos</i>	5,000	7,500
<i>Lisboa — da sua vida e da sua beleza</i>	6,400	8,000
<i>Ronda e Silva de Lisboa Velha.</i>	8,000	10,000